



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ILSON KAISER

**A ALEMANHA NO ENTRE GUERRAS: A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA NO
ROMANCE *O CAMINHO DE VOLTA* DE ERICH MARIA REMARQUE**

ERECHIM

2021

ILSON KAISER

**A ALEMANHA NO ENTRE GUERRAS: A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA NO
ROMANCE *O CAMINHO DE VOLTA* DE ERICH MARIA REMARQUE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kaiser, Ilson

A Alemanha no entre guerras: a representação do trauma no romance O Caminho de Volta de Erich Maria Remarque / Ilson Kaiser. -- 2021.

75 f.

Orientador: Doutor em História Cultural Mairon Escorsi Valério

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim, RS, 2021.

1. Alemanha. 2. Período entre guerras. 3. Literatura. 4. Erich Maria Remarque. 5. Trauma. I. Valério, Mairon Escorsi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas e todos que de alguma forma me acompanharam durante o período no qual a pesquisa foi realizada. Agradecer também ao professor Mairon, por prestar uma excelente orientação. E em especial agradeço a minha noiva Gabrieli Worst, pelo apoio, pelo incentivo, e por sempre ser compreensiva, principalmente durante os momentos que a pesquisa exigiu maior esforço e tempo dedicado.

RESUMO

A presente monografia promove uma abordagem da memória do trauma ocorrido na Primeira Guerra Mundial e sua representação na obra literária *O Caminho de Volta*, de Erich Maria Remarque durante o período entre guerras na Alemanha. Os objetivos da pesquisa são: fundamentar a memória da Guerra como um trauma a partir da literatura *O Caminho de Volta* no contexto entre guerras; relacionar o romance com a historiografia sobre o tema; observar o contexto no qual o Estado Alemão estava inserido na época; fundamentar como a participação de Remarque na Guerra influenciou na elaboração do seu romance escrito no pós-guerra; demonstrar como ele percebe a sua própria experiência nas trincheiras; observar como o romancista foi modificado pela Guerra e como ele percebe pessoalmente tal mudança. Observar a dimensão do trauma e a construção de uma memória traumática do Conflito, realizada através da leitura e análise bibliográfica, de textos científicos, biográficos e literários, a pesquisa constatou que, em *O Caminho de Volta*, Remarque justifica como a Primeira Guerra Mundial é sinônima de uma catástrofe cujos danos por ela causados também assombram os anos seguintes. A análise corrobora com problema proposto, pois a memória da experiência nas trincheiras é narrada como um trauma, construindo uma visão negativa do evento objetivando um alerta, na tentativa de evitar que aconteça novamente

Palavras-chave: Narrativa. Testemunho da Guerra. Memória. Literatura alemã. República de Weimar.

ABSTRACT

The present monograph promotes a memorial approach of the trauma that occurred in the First World War and its representation in the literary work *O Caminho de Volta*, by Erich Maria Remarque during the interwar period in Germany. The objectives of the research are: To substantiate the memory of the War as a trauma from the literature *The Way Back* in the context between wars. To relate the novel to the historiography on the topic. To observe the context in which the German State was inserted at the time. To prove how Remarque's participation in the war influenced the preparation of his postwar novel. To demonstrate how he perceives his own experience in the trenches. To see how the novelist was changed by the war and how he personally perceives that change. To preserve the dimension of the trauma and the construction of a traumatic memory of the conflict. Conducted through reading and bibliographic analysis, scientific, biographical and literary texts, the survey found that, in *O Caminho de Volta*, Remarque justifies how the First World War is synonymous with catastrophe and the damage caused haunt the next years. The analysis corroborates the proposed problem, since the memory of the experience in the trenches is narrated as a trauma, building a negative view of the event in order to alert, in an attempt to prevent its occurrence again.

Keywords: Narrative. War testimony. Memory. German literature. Weimar Republic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LITERATURA E TESTEMUNHO: CATÁSTROFE E TRAUMA NO PÓS-PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	12
2.1	LITERATURA E HISTÓRIA: TESTEMUNHO, MEMÓRIA E TRAUMA.....	12
2.1.1	A literatura como documento histórico.....	13
2.2	A EUROPA APÓS A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	17
2.2.1	A Alemanha no pós-Guerra.....	18
2.3	A DIMENSÃO DO TRAUMA.....	25
3	A TRAJETÓRIA DE ERICH MARIA REMARQUE: A VIDA INTELECTUAL NA REPÚBLICA DE WEIMAR	29
3.1	UMA BIOGRAFIA DE REMARQUE.....	29
3.1.1	A Formação escolar de Remarque.....	30
3.1.2	A Guerra.....	32
3.1.3	O pós-Guerra.....	34
3.1.4	Trabalho.....	38
3.2	DISPUTAS INTELECTUAIS NA REPÚBLICA DE WEIMAR.....	39
3.2.1	A literatura do pós-Guerra: Remarque <i>versus</i> Jünger.....	40
3.2.2	Intelectuais e as ideias de direita.....	41
3.2.3	Clima intelectual à esquerda e os inimigos do nazismo.....	43
3.2.4	A Escola de Frankfurt.....	44
3.2.5	A psicanálise freudiana na República de Weimar.....	45
4	REMARQUE E O CAMINHO DE VOLTA	47
4.1	A CRÍTICA DA GUERRA.....	48
4.1.1	O descaso no pós-Guerra.....	54
4.2	A CRÍTICA AO NAZISMO.....	56
4.2.1	A juventude à mercê do nazismo.....	57
4.3	A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA TRAUMÁTICA.....	59
4.3.1	A manifestação da memória traumática durante os sonhos.....	60
4.3.2	A narrativa da memória traumatizada.....	62
4.3.3	O trauma entre as guerras.....	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68

FONTES.....	71
REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é a Alemanha durante o período entre as guerras mundiais, um dos temas mais debatidos refere-se ao governo de Adolf Hitler a partir de 1933. No entanto, até o ditador chegar ao poder, houveram inúmeros acontecimentos, os quais devem ser considerados de suma importância para compreender o caminho traçado pelo Estado alemão após 1933, e sobretudo, durante a Segunda Guerra Mundial.

Através da pesquisa em História, percebe-se que os fatos não acontecem de forma isolada, mas são efeitos e reflexos de algo ocorrido anteriormente. Neste sentido, a presente monografia limita-se temporalmente ao período entre guerras na Alemanha, com foco principal nos anos entre 1918 e 1933. E, buscando contribuir com o debate historiográfico, tem por principal objetivo analisar a construção da memória da Primeira Guerra Mundial, a pensando como um trauma, a partir da obra literária *O Caminho de Volta* de Erich Maria Remarque, no contexto na Alemanha entre guerras.

Com o intuito de transmitir ao leitor um conhecimento amplo, para a melhor compreensão da questão proposta, o presente texto divide-se em três capítulos, os quais abordam diferentes assuntos em torno do tema pesquisado. Deste modo, com o propósito de deixar o leitor por dentro do uso da literatura como fonte histórica, durante o primeiro capítulo se dissertará brevemente sobre o assunto. No mesmo capítulo, também, será enfatizada a situação na qual a Alemanha encontrava-se após a Primeira Guerra, dando destaque para as rupturas, as crises e os problemas enfrentados pelo país.

A derrota na Guerra provocou a queda do Imperador Guilherme II, e levou o Estado alemão a instituir o que passou a ser conhecido como República de Weimar. Por um lado, os primeiros anos do novo governo representaram imensos desafios, principalmente devido aos efeitos deixados pela Guerra. Este período ficou marcado pela tentativa de revolução comunista espartaquista, a qual tentou aproveitar-se da onda de insatisfação que o Conflito havia gerado dentro da sociedade alemã. Por outro lado, a República de Weimar também representou um período de grande efervescência cultural, artística, literária e acadêmica.

Sobretudo, percebe-se como a Primeira Guerra foi sinônimo de grande ruptura, não apenas por dar fim ao regime absolutista do Imperador, mas por outros diversos motivos, dentre eles, o término dos anos de prosperidade que antecederam o Conflito, e o início de uma década marcada pela alta inflação, pelo desemprego, e por todos os efeitos gerados por estes fatores.

Neste sentido, observa-se os desafios enfrentados por aqueles que estavam nas trincheiras, e ao retornarem, depararam-se com uma realidade muito distinta da qual haviam

deixado quando convocados para o conflito. Aliado a essa difícil reinserção está o romance histórico aqui analisado, pois além de estar na Guerra, Remarque experienciou a Alemanha de Weimar. Claramente, a obra literária está diretamente ligada às vivências do escritor, fato que incentivou a presente pesquisa, direcionando à questão referente ao propósito por trás de uma possível construção de uma narrativa da memória da Guerra como um trauma.

As questões referentes à vida privada de Remarque recebem maior atenção durante o segundo capítulo. Através da análise de textos biográficos, busca-se construir a sua trajetória; desde o seu nascimento na cidade de Osnabrück, passando pela sua formação escolar. Nesse ponto, destaca-se os sonhos do futuro escritor durante a juventude, os quais foram abruptamente interrompidos com a convocação para a Guerra. Subsequentemente, por mais que Erich conseguiu ascender sua vida profissional e financeira durante os anos posteriores ao Conflito, este período trouxe grandes desafios para sua pessoa, inicialmente em decorrência da experiência obtida na Guerra; e após consagrar-se como escritor, viu-se perseguido pelos nazistas, justamente por não compactuar com as ideias deste partido.

No mesmo capítulo, também se destacam algumas questões referentes às principais disputas intelectuais durante a República de Weimar; abordando as controvérsias entre a literatura pró-guerra, aqui representada por Ernst Jünger e a literatura pacifista de Erich Maria Remarque. Semelhantemente, esforça-se em mapear o clima intelectual na Alemanha entre guerras, tanto à direita, como à esquerda política. Enfatiza-se a psicanálise freudiana, a qual foi diretamente influenciada pela Primeira Guerra; e a Escola de Frankfurt, cujas análises e críticas estavam muito voltadas para os novos governos que surgiam na Europa.

A análise do segundo romance pacifista de Remarque, *O Caminho de Volta* é resguardada ao terceiro capítulo. A obra consiste em uma narrativa da Alemanha no período pós-guerra, através do jovem e ex-combatente Ernst, cujas semelhanças, são muitas para com o escritor. A partir do livro, inicialmente observa-se a construção de uma crítica negativa sobre a Guerra Mundial, também fundamentada na ideia de que o Conflito foi uma catástrofe causadora do trauma. Sua narrativa da Guerra busca desconstruir as ideias ilusórias que ganhavam força na Alemanha da época, seu esforço está em desmistificar o heroísmo, dando ênfase a questões como a miséria e a barbárie nas trincheiras.

O escritor também aborda o descaso para com os ex-combatentes no pós-guerra, narrando a conturbada retomada à vida civil, isso em um Estado repleto de problemas e limitações devido a derrota alemã. O fato de haver experienciado a vida nas trincheiras marcou profundamente o romancista, sendo que, mesmo já passado vários anos, as memórias do evento ainda o perturbavam constantemente.

Remarque escreve exaustivamente como a Guerra foi algo terrível, pois além de ceifar muitas vidas, ela também marcou seus protagonistas de forma física e psicológica, e impediu a grande parte da população de seguir vivendo normalmente. Neste sentido, adentramos na questão proposta inicialmente. Entendendo o trauma como uma grande ferida provocada pelo choque violento durante o Conflito; através do romance, observa-se na sua narrativa, a constante manifestação do trauma no dia-a-dia do ex-combatente, fato que impede qualquer tentativa de resgatar as sensações de outrora.

Assim, a presente pesquisa consiste na análise do texto literário, visando observar a construção da memória traumatizada pela Primeira Guerra Mundial, sempre atento para o contexto da Alemanha entre guerras, na qual, visivelmente os movimentos nazistas ganhavam força, com eles, os discursos nacionalistas novamente atingiam a população alemã. Em oposição a esses fatos, entre 1928 e 1931, Remarque escreve *O Caminho de Volta*, como numa tentativa de evitar uma nova catástrofe e de lidar com a sua própria.

2 LITERATURA E TESTEMUNHO: CATÁSTROFE E TRAUMA NO PÓS-PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

O período após Primeira Guerra Mundial proporcionou grandes rupturas e respectivas mudanças em muitos Estados e nos diversos setores da sociedade. As cidades presenciaram uma “enxurrada” de ex-combatentes marcados pelo evento catastrófico. Ao observar o caso da Alemanha desta época percebe-se tudo isso, aliado a derrota na Guerra, às imposições do Tratado de Versalhes e a grande crise econômica. E como veremos neste capítulo, este cenário caótico sobretudo proporcionou as condições ideais que geraram e levaram a ascensão do Nacional-Socialismo na Alemanha e dos demais governos fascistas na Europa.

Por outro lado, as traumáticas experiências do combate nas trincheiras da Guerra forneceram uma diversidade de obras literárias de testemunho do evento. Será visto melhor adiante, que a literatura nem sempre foi aceita como fonte histórica confiável para a construção de pesquisas científicas, mas neste sentido o século XX, marcado pelas guerras mundiais e revoluções políticas e sociais, também possibilitou que estes materiais pudessem ser utilizados pelos historiadores como documentos para as análises nesta área do conhecimento, assim, abrindo um leque de novas possibilidades e pesquisas.

2.1 LITERATURA E HISTÓRIA: TESTEMUNHO, MEMÓRIA E TRAUMA

É inegável que o período da Primeira Guerra Mundial, assim como o entre guerras e seu posteriori, foram extremamente marcados por catástrofes, presenciadas durante a primeira metade do século XX. Da mesma forma, as vivências da Guerra não se restringiram às marcas físicas que elas acarretaram, mas de forma muito mais complexa e profunda resultaram em danos psicológicos. Situações essas, de tal forma traumáticas, que modificaram por completo as vidas dos combatentes, que ao retornarem para casa já não eram mais as mesmas pessoas de quando saíram.

As discussões a respeito destes temas, bem como a contextualização do período e a definição de alguns conceitos chave, serão abordados e aprofundados nas páginas deste capítulo. No entanto, sabendo que o documento histórico a ser analisado nesta pesquisa é o romance intitulado *O Caminho de Volta*, escrito pelo veterano do exército alemão na Primeira Guerra Mundial, Erich Maria Remarque; mas primeiramente será traçada uma breve discussão sobre literatura e História.

2.1.1 A literatura como documento histórico

Para todo e qualquer pesquisador que pretende desenvolver uma pesquisa em História, a preocupação com o devido uso das fontes é de suma importância para que o trabalho consiga alcançar seus pretensos objetivos. É com essa finalidade que as próximas páginas da presente monografia pretendem situar o leitor, dentro do contexto de uso da literatura como documento de análise na produção de conhecimento científico em História.

Com base na pesquisa bibliográfica realizada, pode-se afirmar que nas mãos dos historiadores a literatura pode ser muito mais que um romance, pois excede seus limites abrangendo uma gama muito grande de conteúdos que de inúmeras maneiras podem ser explorados e, se analisados de forma científica, podem tornar-se documentos. Proporcionando assim, diversas possibilidades de análises sobre o passado, nos mais diversos setores da sociedade. Nesse sentido, o professor e historiador Antonio Celso Ferreira afirma que:

[...] nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. (FERREIRA, 2012, p. 61).

Na mesma linha de pensamento, Sandra Pesavento (1998), aponta para a representação de um determinado “passado” que a literatura abarca, como o principal campo de pesquisa para os historiadores.

Mas é de suma importância destacar, que nem sempre o uso da literatura como fonte para trabalhos científicos em História foi vista com bons olhos pelos historiadores. Nessa perspectiva, Ferreira (2012) destaca que, quando a História tornou-se uma disciplina acadêmica, após a segunda metade do século XIX, o termo “fonte” tornou-se preponderantemente uma expressão com sentido aproximado a *documento*, à *autoridade* e *verdade*. O professor também destaca:

A Escola Metódica francesa encarregou-se de estabelecer os parâmetros metodológicos orientadores da crítica interna e externa das fontes com o objetivo de assegurar a autenticidade documental para reconstruir objetivamente o passado [...] Foi nessas circunstâncias que as fontes escritas, preferencialmente oficiais, ganharam o status de documentos verdadeiros para uma historiografia preocupada, sobretudo, com o encadeamento cronológico dos acontecimentos políticos nacionais. (FERREIRA, 2012, p. 63).

Ainda conforme Ferreira: “Nessa perspectiva, os textos literários, assim como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica.” (FERREIRA, 2012, p. 63).

A transformação do conceito de fonte histórica, assim como o aumento do conjunto de materiais considerados fontes, tiveram seu início na França no século XX, com o movimento que segundo Peter Burke (2010), pode ser chamado de Revolução Francesa da Historiografia. Essa organização foi liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, que em 1929 fundaram a revista *Annales d'Historie Économique et Sociale*. A revista contrapôs-se “[...] à historiografia político-factual da Escola Metódica, eles colocaram em pauta uma História-problema, orientada para a compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas.” (FERREIRA, 2012, p. 63).

A primeira metade do século XX forneceu um solo fértil para o desenvolvimento das teorias críticas. Neste ambiente que surge a Escola de Frankfurt ¹, e um conjunto de intelectuais, entre eles, o filósofo Walter Benjamin. Este intelectual é indispensável no âmbito do presente trabalho, não apenas pelas suas reflexões sobre o período entre guerras, mas também por contribuir significativamente a partir da sua teoria da história. Neste sentido Seligmann-Silva (2003) mostra que o pensamento de Benjamin se opõe à ideia de escritura da história no modelo tradicional mimético de “representação”, mas sim está em concordância com o paradigma da “apresentação”. O qual, analisado com as definições Kantianas, é considerado o único modelo apropriado as ideias estéticas e éticas. Conforme o autor, a historiografia tradicional perde o seu espaço diante das ideias de Benjamin, pois para ele, o “historiador/alegorista” é o que se direciona para as “ruínas da história”, o seu objeto de pesquisa consiste a partir dos “cacos” desta.

A teoria da história de Benjamin, “[...] é sobretudo uma teoria da memória.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 392). Ainda nesse sentido, para Benjamin “[...] o tempo é explodido; só restam as ruínas onde a memória passa a habitar.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 404). Conforme o autor, a reflexão do filósofo sobre a história “[...] valoriza a sua *interrupção pontual* – determinada num *aqui e agora* [...] O tempo para ele não é vazio, mas sim denso, [...]. A historiografia – com essa concepção de tempo – deixa de ser a narração de uma história de sucessos (e do sucesso).” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 394).

1 O início de um grupo de teóricos europeus, os quase se preocuparam em formular uma teoria crítica sobre a sociedade. Sobre o assunto trataremos de forma mais detalhada no próximo capítulo.

É notório que os conteúdos das citações destacadas acima, vão ao encontro do documento histórico, e com o objeto de análise da presente pesquisa. Pois na obra de Remarque também moram as suas memórias. Neste âmbito, romance tem a função de testemunhar os fatos, com a densidade do seu tempo.

A respeito da literatura Seligmann-Silva (2003), afirma como Benjamin é o pensador que melhor consegue auxiliar o historiador na leitura dos textos de testemunho. “Se a arte e a literatura contemporâneas têm como seu centro de gravidade o trabalho com a memória [...], a literatura que situa a tarefa do testemunho no seu núcleo, por sua vez, é a literatura *par excellence* da memória.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 392).

Para seguir nessa linha de pensamento, é indispensável refletir, mesmo que brevemente, sobre: o que é o “testemunho”? Sendo este um termo recorrente nesta pesquisa. De acordo com Seligmann-Silva (2003), *superstes*, uma das duas palavras do latim que definem testemunho, indica para o sobrevivente ou uma pessoa que passou por uma provação. Em outro apontamento o autor coloca: “E o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no ‘real’ para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 379). Esta citação entra em consonância com Walter Benjamin (1987) quando o filósofo escreve sobre a pobreza nas experiências comunicáveis nos veteranos da Guerra. Fato que se justifica na enxurrada de livros sobre o evento que foram escritos nos anos seguintes, buscando contar seus testemunhos e suas experiências nas trincheiras.

Com essa definição torna-se possível prosseguir, conforme as colocações de Seligmann-Silva (2003), a literatura de testemunho é antiirônica, e representa uma literatura do “real”. Nesse sentido o autor aponta para dois pontos importantes sobre esse gênero literário:

[...] A literatura de testemunho é mais do que um gênero: é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura – após 200 anos de auto-referência – seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. [...] Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 377).

Em outro ensaio, Seligmann-Silva (2002), mostra que a literatura do século XX, levando em consideração as enormes catástrofes dessa época, bem como as duas Guerras Mundiais e as atrocidades em torno destas, instruiu a perceber as obras literárias como testemunhos dos traumas desse período histórico. Para o autor, a literatura busca se comunicar com o “real”, em outras palavras, com esse evento que resiste à representação. Deste modo, ao

observar a literatura de Remarque, torna-se possível perceber a existência de um testemunho do trauma claramente expressado através das obras de ficção.

Atualmente os historiadores possuem grande liberdade para escolherem seus objetos de análise, isso está diretamente ligado com essa renovação na historiografia, a qual também possibilitou que posteriormente, os aspectos mentais das sociedades, do mesmo modo, se tornassem objetos de pesquisa. “A História das Mentalidades, particularmente, abriu espaço para a investigação dos textos literários.” (FERREIRA, 2012, p. 63).

Também é importante classificar as obras literárias como excelentes documentos para a pesquisa historiográfica. Esses materiais fornecem inúmeras informações, não apenas sobre o período histórico neles abordado, mas também (e principalmente) dizem muito a respeito do momento em que estes textos são escritos.

Todas as produções literárias, por estarem inseridas dentro de um determinado contexto histórico, fornecem ao pesquisador, informações e elementos importantes sobre a sociedade, a cultura, as relações sociais e outros inúmeros dados. Pois o escritor sempre está ligado ao mundo e ao momento presente no qual está escrevendo.

Com relação ao romance contemporâneo, Ferreira afirma que esse “[...] está inteiramente entranhado na história e de história, não só porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em épocas determinadas, mas também por ter o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa.” (FERREIRA, 2012, p. 75). A partir disso, podemos perceber que literatura e história caminham juntas em vários sentidos.

Para Leenhardt e Pesavento (1998), há diferenças e semelhanças entre literatura e história. De acordo com os autores, a história é fabricada e o passado é inventado, porém, diferentemente da Literatura, a História preocupa-se com a pesquisa em documentos e com o método científico criterioso, enquanto a Literatura é mais “livre” neste quesito. Nesse sentido, o professor Cesar Guazzelli (2009), afirma como a literatura consegue fazer o que normalmente os historiadores não podem, que é “dar vida” a personagens, em sociedades e temporalidades específicas.

É com base nas discussões abordadas nestas páginas, que a presente pesquisa vê a literatura de Erich Maria Remarque, como um objeto excepcional para aprofundar os estudos sobre a Alemanha no período entre guerra e a construção da memória do trauma. Com o testemunho de Remarque, presente no romance *O Caminho de Volta*, torna-se possível “acessar” o período no qual o romancista escreve, perceber como as suas experiências direcionam e influenciam o seu modo de pensar e ver o mundo.

2.2 A EUROPA APÓS A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A contextualização que segue nas próximas páginas, tem o objetivo de situar o leitor no ambiente após a Primeira Guerra Mundial. Justamente porque Remarque vivenciou a experiência da Guerra, e o momento posterior à mesma, numa Alemanha caótica, a qual, naquele momento também presenciava o crescimento do partido nazista. A partir disso, e considerando que o ex-combatente escreveu sobre as suas experiências traumáticas na conjuntura entre guerras, mas especificamente após a crise de 1929, acredita-se que o seu posicionamento pacifista poderá ser melhor entendido e analisado após descrito o contexto da época.

Ao decorrer da presente monografia, veremos como a Primeira Guerra Mundial representou um divisor de águas nos mais diversos setores da sociedade. Mesmo com o seu término, foi impossível retornar ao período de avanços e de crescimento econômico anterior 1914², seus efeitos e reflexos continuaram sendo sentidos por muitos anos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos.

O seu longo período de duração, responsável por mobilizar um grande contingente de pessoas ao *front*, assim como o empreendimento das novas as tecnologias de morte, tornaram a Primeira Guerra Mundial uma experiência extremante violenta e horripilante na história do século XX. O historiador britânico Eric Hobsbawm (1995), aponta que 12,5% dos homens que viviam na Grã-Bretanha foram levados à Guerra, na Alemanha e na França os números ultrapassam os 15%. Neste sentido, o autor também afirma que a Primeira Guerra representou uma enorme ruptura para muitas pessoas que viveram na época, estas, após 1914, não conseguiam ver uma continuação do período anterior ao evento.

As mudanças são percebidas nos mais diversos sentidos: econômico, social, político e psicológico. Na economia do pós-Guerra, a inflação se tornou um dos maiores problemas. Márcia Motta (2011), destaca que este foi o principal reflexo da retomada de uma economia de paz, influenciada diretamente pelos empréstimos financeiros dos Estados Unidos. Piorando ainda mais a situação que já era delicada, juntamente com a inflação veio a miséria, a fome, e a crescente falta de esperança. O pós-guerra também não trouxe a paz tão aguardada.

A Primeira Guerra Mundial não resolveu nada. As esperanças que gerou – de um mundo pacífico e democrático de *Estados-nações* sob a Liga das Nações; de um

2 Período conhecido como a *belle époque*, marcado pelo otimismo do avanço científico, tecnológico etc. Foi um período de “paz armada”, visto que a indústria bélica havia sido fortalecida, e grande parte dos países torou o serviço militar obrigatório.

retorno a economia de 1913; [...] O passado estava fora de alcance, o futuro fora adiado, o presente era amargo, a não ser por uns anos passageiros em meados da década de 1920. (HOBSBAWM, 1995, p. 59).

Ao observar os anos após a Guerra, nota-se que a situação alemã ganha destaque mediante suas restrições. Já a respeito da Grã-Bretanha e da França, pode-se ser mais cauteloso, pois como percebe-se a partir de Hobsbawm, muitas pessoas destes países, “[...] provavelmente estavam um pouco mais saudáveis que antes da guerra, mesmo quando eram mais pobres, e o salário real de seus trabalhadores havia subido.” (HOBSBAWM, 1995, p. 54).

Quanto a situação da Rússia, é possível destacar que a sua participação na Guerra gerou muita indignação popular. Enquanto grande parte da população passava por dificuldades, o império investia no conflito. A escolha do Czar Nicolau II em entrar na Guerra o conduziu à queda, e abriu o caminho para a revolução socialista, a qual, posteriormente deu origem a União Soviética. Segundo Hobsbawm (1995), semelhantemente, todos os governantes das potências derrotadas acabaram caindo com a Guerra. O autor ainda coloca que as revoluções pós-Guerra, possuíam um caráter de repúdio para com a matança sem sentido na Primeira Guerra.

Mesmo estando do lado vencedor no final da Guerra, a Itália também passou por transformações políticas a partir da década de 1920. No ano de 1922 o líder fascista Benito Mussolini empreendeu a conhecida “marcha sobre Roma³”, exigindo a deposição do primeiro ministro italiano Luigi Facta. Neste sentido, Hobsbawm (1995), destaca: assim na Itália como na mais tarde na Alemanha, o fascismo atingiu o poder de forma constitucional. Mas é importante frisar que no período entre guerras, diversos governos foram influenciados pelos regimes fascistas. É o caso de Salazar em Portugal ⁴e de Franco na Espanha⁵.

2.2.1 A Alemanha no pós-Guerra

Com a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha chegou ao seu extremo. Nas palavras do historiador Lionel Richard (1988), a Alemanha se rendeu “esgotada e esfomeada”. Mesmo com a entrada dos Estados Unidos na Guerra, o que de certa forma reduziu muito as chances do Império alemão alcançar a vitória, o Estado ainda acreditava nesta possibilidade a ponto de continuar lutando.

³ A Marcha ocorreu no dia 28 de outubro de 1922, reunindo em torno de cem mil pessoas nas ruas da capital italiana, as quais pediam para que Mussolini seja nomeado primeiro ministro.

⁴ A ditadura iniciada por de Antonio de Oliveira Salazar em 1933 inspirada no modelo fascista perdurou até o ano de 1974, sendo que até 1968 Salazar permaneceu no poder em Portugal.

⁵ Na Espanha a ditadura franquista (1939-1975) teve base no “Nacional-Catolicismo” e no anticomunismo.

É importante destacar que mesmo diante da situação complicada na qual a Alemanha se encontrava nos momentos finais da Guerra, não havia unanimidade no posicionamento sobre a assinatura do armistício. Pessoas do alto escalão manifestavam-se em prol da continuação da Guerra. “Para muitos civis e soldados, um sonho estava prestes a se realizar. Para outros, nacionalistas de todo tipo, os mais ingênuos dos quais tinham chegado a dar ao Estado a sua corrente de relógio de ouro para que a guerra continuasse, um sonho desmoronava.” (RICHARD, 1988, p. 31).

Subsequentemente, com a derrota quase certa, as manifestações e reivindicações por mudanças no governo e pela democracia começaram a aumentar. Conforme Richard (1988), desde a unificação da Alemanha e sua constituição de 1871, nada havia mudado; o poder executivo ainda encontrava-se sob controle do imperador. Nesse sentido, a abdicação do imperador Guilherme II que levou a instauração da república, também abriu caminho para as demais manifestações políticas.

Logo após o fim da Guerra, a Alemanha assistiu ao crescimento dos movimentos de partidos dos extremos, tanto de Direita como de Esquerda. De acordo com Isabel Loureiro (2005), entre 1918 e 1923 o Estado alemão presenciou uma revolução socialista que veio a fracassar perante as forças conservadoras. “Em janeiro de 1919, inicia-se em Berlim a tentativa revolucionária, tendo à frente os espartaquistas e seus expoentes mais famosos: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.” (CASTRO, 2000, p. 62). Com a repressão, ambos foram presos e mortos.

Como foi apontado anteriormente, o período entre guerras foi de muita instabilidade e crise para a Europa. No entanto, se for olhado especificamente para o Estado alemão, observa-se um país ainda mais afetado e abatido. “[...] a humilhação imposta à Alemanha representava o fim de sua soberania sobre o seu território.” (MOTTA, 2011, p. 251). Mas não só isso; o Tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919, além de considerá-la culpada pela Guerra, retirou da Alemanha os territórios da Alsácia-Lorena, as colônias na África; também a obrigou a ceder territórios à Bélgica, à Polônia e à Tchecoslováquia. Devido ao tratado, o serviço militar obrigatório foi suspenso, o exército alemão foi limitado ao máximo de cem mil homens, e o país não pôde mais manter uma força aérea e marinha.

Conforme destacou-se acima, o tratado imposto à Alemanha aumentou as dificuldades do país. De acordo com Richard (1988), estas adversidades também provocaram o crescimento da xenofobia, e o ódio direcionado aos franceses crescera significativamente, sendo a França considerada responsável pelos problemas da Alemanha. “Eram eles que esfomeavam o povo alemão. Eis o que se ensinava, com ajuda de mapas, a milhões de crianças nas escolas.”

(RICHARD, 1988, p. 73). Ainda nesta linha de pensamento, Hobsbawm (2011), destaca que na República de Weimar teoricamente, tanto os alemães de direita como os de esquerda acreditavam na inaceitável injustiça do Tratado de Versalhes. Neste sentido o autor ainda afirma que o combate a este tratado foi o motor para as mobilizações das massas de ambos os lados.

Dentro de um processo de reorganização política da Alemanha, perante as discussões sobre o tratado de paz, e a respeito de uma nova constituição, Richard (1988) comenta como a pequena e calma cidade de Weimar proporcionou a concentração necessária para o trabalho dos legisladores do novo governo. A cidade quase não possuía fábricas, nesse sentido encontrava-se distante das agitações e dos protestos; motivos pelos quais foi escolhida para a Assembleia se reunir em 6 de fevereiro de 1919. Em 11 de agosto do mesmo ano foi promulgada a nova constituição alemã. Para Lionel Richard:

A República de Weimar nascera portanto. Provinha de uma guerra que tivera seu beneficiários, seus incansáveis defensores ainda vivos. Provinha de uma revolução esmagada. De um retorno à ordem fundada numa aliança entre as antigas camadas sociais influentes sob Guilherme II, os quadros do exército imperial e os dirigentes do partido Social-Democrata. Tendo em vista seu nascimento, dificilmente poderia escapar de ser tragada pelas forças de direita. (RICHARD, 1988, p. 55-56).

Como se verá adiante, o período entre 1919 e 1933, conhecido como a República de Weimar, foi marcado por uma grande efervescência social, política, cultural e econômica. Neste sentido, a vida cotidiana dos alemães foi diretamente influenciada pela situação na qual o país se encontrava.

Nestes anos, a economia alemã encontrava-se extremamente abatida. Richard (1988) destaca como logo após o fim da Primeira Guerra Mundial o marco (moeda alemã na época) perdeu 40% do valor. Nos anos que se sucederam, a moeda perdeu o seu valor de uma forma quase inacreditável. O autor chama a atenção para um país, sobretudo, também vítima da séria desorganização. “No início de 1920, os habitantes de uma grande cidade como Frankfurt não podiam obter carvão para se aquecer; os bondes e o gás funcionavam no máximo uma hora por dia.” (RICHARD, 1988, p. 87). Ele ainda ressalta que em muitas empresas o trabalho manual foi retomado diante da carência de combustíveis como óleo e carvão.

Por um longo período a inflação foi outra grande vilã da população alemã. “O preço dos produtos de primeira necessidade aumenta mais depressa do que os salários.” (RICHARD, 1988, p. 91). O valor da moeda nacional passou a despencar após o ano de 1922. Conforme o autor mostra, em novembro deste ano o dólar valia nove mil marcos; em comparação com novembro do próximo ano, a desvalorização foi catastrófica, o dólar passou a valer um bilhão de marcos.

Muitas cenas absolutamente reais, cotidianas, pareciam *gans* cômicas, embora fossem vividas como pesadelos. Nas ruas, casais puxando carroças ou transportando baldes de limpeza cheios de cédulas se cruzavam a todo momento: uns iam ao banco para depositar o seu dinheiro, outros acabavam de retirá-lo. Mal os salários tinham sido pagos e já todo mundo se precipitava na direção das lojas para comprar o que comer. Com a massa de cédulas correspondentes a uma semana de mais de cinquenta horas de trabalho [...] obtinham comida para dois ou três dias! (RICHARD, 1988, p. 96).

Em 1924 o marco-papel praticamente não tinha mais valor, a Alemanha precisava encontrar uma saída urgentemente. Neste período foram emprestados e injetados milhões de dólares americanos na economia alemã; o capital estrangeiro foi um auxílio para a estabilização da moeda nacional.

O desemprego também foi outro grande inimigo dos alemães nos anos após a Primeira Guerra Mundial. Este aumentou rapidamente, assim como a inflação. Neste sentido Richard (1988) pontua que a cifra de desempregados cresceu no ano de 1918 a partir da volta dos soldados que estavam no *front*. No próximo ano houve uma redução na taxa de desemprego. No entanto em 1923 o número de desempregados aumentou novamente para 25%, e 27% em janeiro de 1924, neste mesmo ano 52% dos empregados não tinham um trabalho em tempo integral.

Diante de tal situação, o autor ainda mostra, que com a finalidade de auxiliar aos desempregados, um sistema de cotização foi imposto aos empregados e empregadores, o qual buscava prestar ajuda para a população sem emprego. Os municípios ficaram encarregados de garantir o funcionamento desta tática. Então, em várias cidades foram estabelecidos serviços obrigatórios aos desempregados nos meses em que recebiam o abono. “Em Frankfurt, esse serviço de assistência propunha aos jovens desempregados que ajudassem os inválidos, as viúvas e os pensionistas de guerra em suas compras e em trabalhos domésticos.” (RICHARD, 1988, p. 93). Tais pessoas desenvolviam estas e demais atividades, e como retribuição ganhavam refeições e roupas.

No entanto, a inflação e os altos preços praticamente impossibilitavam a compra de comida. Richard (1988) mostra essa triste realidade: no começo de 1922 só 10% da população possuía o mínimo do básico para viver, em 1923 um pão chegava a custar um bilhão e meio de marcos. Nesta situação, a fome e a miséria faziam parte do dia-a-dia de grande parte da população alemã. O autor cita os dados de uma pesquisa realizada em escolas, nas quais, entre 15 e 40% dos estudantes possuíam indícios de desnutrição.

Assim como na alimentação, as dificuldades também atingiam o vestuário. Muitas pessoas não possuíam o básico para vestir. Nas diversas cidades da Alemanha faltavam casacos,

calças, meias, calçados, entre outros produtos. Adultos e crianças andavam com roupas rasgadas e muitas vezes descalços por não ter o que usar nos pés.

Esta situação realmente caótica, também influenciou na transformação dos comportamentos e dos costumes. Neste sentido, Richard (1988) destaca o aumento de lugares na Alemanha cujo principal objetivo era o prazer e diversão para os endinheirados. Por outro lado, a prostituição tornou-se uma saída para muitos homens e mulheres que estavam desprovidos de tudo.

A criminalidade também cresceu vertiginosamente, conforme o historiador, os roubos aumentaram como um reflexo da inflação. Muitas padarias sofriam com o roubo de pães; as louças de muitos restaurantes de luxo desapareciam. O temor aumentava, assim como os sistemas de proteção aos imóveis.

Mas por outro lado, enquanto grande parte da população enfrentava muitas dificuldades, os grandes capitalistas aproveitavam o período para conseguirem altos lucros mediante a desvalorização da moeda alemã. De acordo com Loureiro (2005), estes também faziam oposição às tentativas de estabilização do marco pelo governo objetivando a manutenção dos lucros. Pois “[...] os grandes capitalistas realizavam seus lucros em dólar ou ouro, mas pagavam suas dívidas, impostos e salários em marcos, fazendo assim negócios milionários.” (LOUREIRO, 2005, p. 141).

Como mencionou-se anteriormente, as agitações na Alemanha deste período também estavam presentes no contexto político. Um ponto importante a ser destacado, refere-se sobre o crescimento significativo da extrema-direita dentro deste cenário conturbado. Conforme João Grinspum Ferraz (2009), as alternativas de governo que se apresentavam nos primeiros anos na Alemanha de Weimar eram três: a social democracia, a revolução comunista, ou um governo caracterizado pelas ideias nacionalistas.

Uma série de elementos pós-Guerra geraram desgosto e indignação a muitos alemães. A derrota no conflito, com cerca de um milhão e oitocentas mil vítimas, as limitações impostas pelo Tratado de Versalhes, assim como as frustrações, a humilhação do orgulho nacional, colaboraram para a insatisfação alemã nos anos seguintes, sobretudo com os discursos que buscaram encontrar e apontar para grupos considerados culpados pela derrota.

É neste contexto surge a “lenda da punhalada nas costas”, a qual afirmava que o exército imperial foi derrotado porque fora traído internamente. “Judeus e marxistas foram acusados de destruir dentro do país o esforço de guerra, enquanto o Exército, fora, continuava vencendo.” (LOUREIRO, 2005, p. 62).

Muito do que se observou com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, germinou no período até aqui abordado. Para o próprio Adolf Hitler, esta época possibilitou o crescimento e a consolidação dos ideais nazistas. Seguindo nesta linha de pensamento, os próximos parágrafos serão voltados para alguns pontos referentes a este movimento de extrema-direita.

Em setembro de 1919 Hitler ingressou no então pequeno Partido dos Trabalhadores Alemães, o qual, conforme Alcir Lenharo (2002), havia sido fundado pelo ferreiro Anton Drexler e pelo jornalista Karl Harrer. Logo Hitler tomou a frente do partido, mudou o nome para (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) e nele difundiu as suas ideias. Castro (2000), destaca que a partir de então, o ex-cabo austríaco do exército alemão, sendo portador de uma boa oratória, espalhou seu anti-semitismo e suas ideias, como as de uma união dos povos germânicos numa única Alemanha forte. A partir de 1920 Hitler coordenava, “Um partido revanchista, embalado pela aura mítica da ‘punhalada nas costas’.” (CASTRO, 2000, p. 63).

O partido nazista claramente buscava atrair o apoio das massas sociais, sendo que o próprio nome trazia elementos de dois movimentos forte na época, da direita e da esquerda política. “[...] ofereceu uma síntese que supostamente levaria à unidade nacional, uma solução semântica cuja dupla marca registrada – ‘alemão’ e ‘trabalhador’ – ligava o nacionalismo da Direita ao internacionalismo da Esquerda.” (ARENDRT, 2012, p. 406). O programa do partido também apresenta características voltadas para atrair um grande contingente de pessoas. Neste sentido, Castro nos mostra que:

O programa do partido apresenta uma linha bastante confusa, na qual se misturam anti-semitismo, revanchismo, um nacionalismo febril e virulento e ideias “revolucionárias” no campo social (que serão abandonadas ao passo em que o nazismo se aproxima do poder). (CASTRO, 2000, p. 65).

Com a Alemanha em crise e com a terrível inflação de 1923, o partido nazista buscou repetir a marcha sobre Roma de 1922, na qual Mussolini e os fascistas italianos chegaram ao poder. Com o mesmo objetivo, Hitler tenta um golpe de Estado na Baviera. Segundo Castro (2000), o fracasso do golpe, e a prisão e o posterior julgamento do líder nazista, possibilitou o replanejamento para a chegar ao poder, a partir deste momento a linha revolucionária foi deixada de lado, e o partido passou a buscar seus objetivos por meios “aparentemente” legais. O autor também destaca que este fato proporcionou a difusão da figura de Hitler na Alemanha. Os nove meses que ele ficou preso ainda o permitiram a escrever a primeira parte do livro *Mein Kampf*, (Minha Luta), o qual se tornou basicamente uma “bíblia” nazista.

Mas nada favoreceu tanto ao partido Nacional-Socialista como a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, e a grande crise que se estendeu a partir de então. Sobretudo porque: “A recuperação alemã do pós-guerra estivera montada sobre os maciços investimentos norte-americanos e ingleses e sobre uma economia de exportação; com a crise, os capitais externos refluíram, as exportações cederam [...]” (LENHARO, 2002, p. 25). Quando parecia que a economia alemã estava se reorganizando, novamente era abatida pela crise. É durante este período que o movimento de extrema-direita ganhou força. “O número de filiados crescia regularmente: 27.000, em 1925; [...] pulando para 178.000, em 1929.” (CASTRO, 2000, p. 69).

O desemprego voltou a assombrar a população alemã, conforme Richard (1988), juntamente, a criminalidade também cresceu, assim como a prostituição e demais formas de arranjar dinheiro para não sucumbir à miséria. O autor continua, em 1929, 14,6% da população ativa estava desempregada na Alemanha, em 1932 foram quase 45%. “A única perspectiva que se oferecia a homens e mulheres cujas famílias passavam necessidades era buscar o que comer nos detritos das latas de lixo, prostituir-se ou mendigar. Ou então suicidar-se.” (RICHARD, 1988, p. 113).

Em meio a esta situação catastrófica, a partir da Crise a República não resistiu.

A República de Weimar caiu em grande parte porque a Grande Depressão tornou impossível manter o acordo tácito entre Estado, patrões e trabalhadores organizados que a mantivera à tona funcionando. A indústria e o governo sentiram que não tinham escolha senão impor cortes econômicos e sociais, e o desemprego em massa fez o resto. (HOBSBAWM, 1995, p. 139).

Neste período os resultados das eleições que se sucederam nos anos pós 1929, mostraram um crescimento tanto dos nazistas como dos comunistas. Segundo Lenharo (2002), esse avanço das extremas conduziram à uma união nas forças de direita. Cada vez mais, industriais e militares apoiavam o nazismo, e pediam a nomeação de Hitler como primeiro-ministro. “A esperança de controlar o nazismo de cima para baixo foi um ledro engano. Em 30 de janeiro de 1933, Hitler é nomeado chanceler pelas vias legais, cargo que só deixaria doze anos depois, morto.” (CASTRO, 2000, p. 72).

Mesmo com as inúmeras dificuldades pós 1914, a Alemanha se reconstruiu a ponto ser novamente uma grande potência. A chegada da extrema direita ao governo, assim como o descumprimento do tratado de paz nestes anos nos ajudam a entender como esse crescimento foi possível. “Com exceção das cláusulas territoriais, nada restava do Tratado de Versalhes em meados da década de 1930.” (HOBSBAWM, 1995, p. 41). O autor também nos mostra que a

Alemanha foi o único país ocidental que foi capaz de terminar com o desemprego entre 1933 e 1938.

2.3 A DIMENSÃO DO TRAUMA

Sobre o assunto aqui referido, são indispensáveis os estudos de Sigmund Freud⁶, o qual após a Primeira Guerra Mundial desenvolveu estudos sobre a teoria da Pulsão (Impulso). Na presente pesquisa, a teoria freudiana da pulsão do eu⁷ será de grande relevância para entendermos a questão referente ao trauma. Conforme Endo e Sousa (2018), as pulsões do *eu* exercem a função de proteger o *eu*, buscar a sobrevivência, a satisfação de necessidades, como a sede e a fome.

Em conformidade com o tema, os autores ainda destacam que Freud: “Mobilizado pelo tratamento dos neuróticos de guerra [...] reencontrou o estímulo para repensar a própria natureza da repetição do sintoma neurótico em sua articulação com o trauma.” (ENDO; SOUSA, 2018, p. 16-17). Assim sendo, na psicanálise o que se entende por neurose é associado ao conceito de trauma consequente da violência.

Inquestionavelmente pode-se definir a Guerra como um evento traumático. Neste sentido, torna-se relevante aqui fazer o esforço de imaginar o grande contingente de jovens de todos os Estados que participaram diretamente da Guerra, os quais desfrutavam de suas vidas corriqueiras – estudo, trabalho, família, festejos – e com a conflagração, muitas vezes influenciados por seus pais e professores, renunciaram as “suas vidas” para defender os interesses⁸ das respectivas nações nas frentes de batalha.

Conforme escreve Walter Benjamin em seu ensaio do ano de 1933 *Experiência e Pobreza*: “Uma geração [...] viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano.” (BENJAMIN, 1987, p. 115).

Estes jovens passaram a vivenciar as mais diversas atrocidades em um ambiente completamente diferente do qual estavam acostumados. A violência e a morte tornaram-se

6 Freud é considerado o pai da Psicanálise, e responsável por fundar uma nova forma de produção de conhecimento e ciência.

7 Para Freud o Eu ou Ego, é a realidade da personalidade da pessoa. Também é o equilíbrio entre o ID e o SuperEgo.

8 É importante destacar que a Primeira Guerra Mundial foi uma guerra imperialista. Estavam em jogo, as disputas de mercados internacionais, ambição por novas colônias. Neste sentido os interesses nacionais eram interesses imperialistas; isso nos faz refletir sobre a insignificância de lutar e morrer na Guerra.

comuns, enquanto isso, o incomum era viver momentos de conforto e tranquilidade. Da mesma forma, a incerteza, a angústia e o medo, faziam parte do dia-a-dia dos combatentes.

A partir destas colocações pode-se refletir sobre a dimensão do trauma que resultou da Primeira Guerra, marcando de forma física e psicológica os seus protagonistas. Benjamin (1987), mostra que as experiências adquiridas no campo de batalha, não conseguiriam ser transmitidas oralmente, é neste sentido que nos dez anos que se passaram após a Guerra, inúmeras obras literárias que expressavam tais experiências foram lançadas. Entre elas, estão os romances de maior sucesso de Erich Maria Remarque.

[...] está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. [...] Na época, já se podia notar que os combatentes voltaram silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...] nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. (BENJAMIN, 1987, p. 114-115).

As cidades se inundaram de ex-combatentes no pós-Guerra, dos quais, muitos haviam sido gravemente feridos em combate, ficando aleijados e inválidos; outros não exibiam ferimentos físicos tão visíveis, mas apresentavam profundas marcas psicológicas, estas frequentemente invisíveis para grande parte da sociedade. Conforme já comentado anteriormente, a Guerra foi um divisor de águas em muitos sentidos, no que diz respeito à vida destes soldados e também à vivência desse evento. A sociedade continuava prezando pela moral e pelos costumes, rejeitando novos comportamentos apresentados por aqueles que regressavam das frentes de guerra.

Aqueles que voltaram do *front* não eram mais os mesmos que foram outrora. A experiência, assim como a memória do trauma, estavam com eles. Por mais que gostariam de não lembrar, o evento traumático continua vivo em suas mentes. Neste sentido, Freud afirma: “Acredita-se que o fato da vivência traumática se impor repetidamente ao paciente até durante o sono seja precisamente uma prova da força da impressão deixada por essa vivência. O paciente estaria fixado psicologicamente no trauma, [...]” (FREUD, 2018, p. 53).

A partir disso, percebe-se que o sofrimento causado pela experiência de viver o evento traumático não ficou restrito às trincheiras, mas se estendeu durante o retorno aos seus respectivos lares. Neste âmbito torna-se relevante situar a aflição psíquica que os ex-combatentes enfrentaram nos anos que se seguiram a guerra, sendo denominada como neurose traumática, termo conceituado por Freud.

Semelhantemente, ao escrever sobre o trauma na chamada psicanálise da guerra, Freud (1980) aponta para a concepção de um novo *Ego*, um novo *Eu* nos soldados. Essa nova personalidade “construída” pelo catastrófico fenômeno da Guerra, corrobora com os episódios em torno das adversidades no reingresso dos ex-soldados na vida civil. Da mesma forma confirma uma grande ruptura na “alma” destas pessoas.

As marcas deixadas pelo trauma frequentemente guiavam estes veteranos de guerra a desejarem apenas o fim do sofrimento. Isso pode ser entendido a partir do conceito freudiano de pulsão de morte: “[...] uma energia que ataca o psiquismo e pode paralisar o trabalho do eu, mobilizando-o em direção ao desejo de não mais desejar, que resultaria na morte psíquica.” (ENDO; SOUSA, 2018, p. 17).

Como pode-se observar, o fato de reviver o evento traumático também dificultou ou até mesmo impossibilitou um “recomeço” para estes jovens. Mas essas dificuldades podem semelhantemente terem sido acarretadas por outros fatos. Ao olhar para o caso da Alemanha, a qual conforme comentado anteriormente, além de ser derrotada, sofreu as consequências por ser considerada a responsável pela Guerra. Os soldados que lutaram por este país, ainda retornaram do *front* com a “carga” de “culpa” causada pela derrota.

Ao regressarem, os ex-combatentes também não encontraram uma situação favorável a qual pudesse contribuir para a readaptação na sociedade; devido às dificuldades econômicas, políticas e sociais. Isso fica claro nas páginas anteriores da presente monografia, quando se destacou a conjuntura na Alemanha no pós-Guerra e todos os problemas enfrentados pelo país.

Elementos como o nacionalismo exacerbado que se fez presente nos anos da Guerra, auxiliam a compreender os motivos pelos quais milhões de jovens marcharam contentes para as trincheiras. Neste sentido Motta (2011), destaca que as nações forjaram a ideia da existência de um inimigo externo, o qual seria o culpado das dificuldades internas de cada país. Tais ideias se fundamentavam no passado, produzindo uma concepção de superioridade nacional; assim o nacionalismo levou os cidadãos a resguardar os interesses nacionais. Ainda nesta linha de pensamento, a professora Márcia Motta comenta:

Com a Grande Guerra, o sonho deu lugar ao pesadelo, o otimismo ao pessimismo e a razão cedeu lugar à violência. Após quatro longos anos de conflito, os ex-combatentes voltaram para suas casas, mas não encontraram mais a mesma sociedade pela qual haviam lutado. O aumento da miséria e das incertezas fazia fortalecer a crença de que a violência era a melhor saída. Se a paz dera lugar a uma guerra, como reconhece-la novamente? (MOTTA, 2011, p. 253).

Após a experiência do campo de batalha, é possível considerar que foi grande o desafio encontrado por estes jovens durante o processo de readaptação na sociedade, mas não só por

causa dos problemas enfrentados pelos países recém-saídos da Guerra. Mas justamente porque o *front* havia se tornado o modo de vida dos soldados, desta forma, os seus comportamentos não estavam mais de acordo com a sociedade civil, em outras palavras: as trincheiras da Primeira Guerra Mundial transformaram radicalmente a vida dos combatentes.

Pode-se classificar estes veteranos de guerra em dois grupos: aqueles que posteriormente lutaram contra os movimentos bélicos; enquanto o outro grupo se uniu em torno dum nacionalismo ainda mais forte. Nas palavras do historiador britânico Eric Hobsbawm: “Quase todos os que serviram [...] em sua esmagadora maioria soldados rasos – saíram dela inimigos convictos da guerra.”, em contraponto com estes, o autor comenta: “Contudo, os ex-soldados que haviam passado por aquele tipo de guerra sem se voltarem contra ela às vezes extraíam da experiência [...] de viver com a morte e a coragem um sentimento de [...] que viria a formar as primeiras fileiras de ultradireita do pós-guerra.” (HOBSBAWM, 1995, p. 34).

Estes últimos apontamentos, serão melhor discutidos e aprofundados no próximo capítulo, no qual será discutido sobre a vida de Erich Maria Remarque, buscando posicionar o escritor conforme o seu posicionamento político diante da ascensão do nazismo. No qual também serão destacadas as principais disputas que formaram o clima intelectual na Alemanha entre guerras.

3 A TRAJETÓRIA DE ERICH MARIA REMARQUE: A VIDA INTELECTUAL NA REPÚBLICA DE WEIMAR

Como observou-se até aqui neste texto, o período no qual foi organizada a primeira democracia parlamentar na Alemanha, também conhecida como a República de Weimar, foi de grandes problemas e desafios para a maior parte da população. Neste sentido, os sobreviventes da Guerra encontraram inúmeras dificuldades para se readaptarem à vida civil, e reencontrarem seus espaços na sociedade alemã.

Mas por outro lado, a época forneceu um solo fértil para que germinassem novos movimentos culturais, artísticos, literários, entre outros; nas universidades, muitos intelectuais buscavam melhores explicações para o seu contexto histórico. E em meio a esta “ebulição cultural”, as disputas entre os grupos políticos acirravam-se. O nazismo surgia como a antítese aos movimentos revolucionários comunistas, opondo-se aos novos movimentos artísticos considerados “degenerados” ou subversivos.

Já no final da década de 1920 começam a surgir muitas obras literárias referentes à Primeira Guerra Mundial, mas estas também não apresentavam uma unanimidade nos seus objetivos. Fato que nos chama a atenção para uma guerra de disputas pelas memórias da Guerra. E como se observará neste capítulo, é em meio a estas disputas que Erich Maria Remarque construiu sua trajetória, representou em seus romances os soldados maltrapilhos no *front*, em oposição aos heróis da pátria cultuados pela extrema-direita política.

3.1 UMA BIOGRAFIA DE REMARQUE

Como pôde-se perceber através das discussões traçadas até aqui no presente texto, a Primeira Guerra Mundial mobilizou um grande contingente de pessoas, de diferentes nacionalidades e classes sociais. Mas é relevante pensarmos este evento e a posteriori no campo da memória; não apenas a partir da memória coletiva, mas também da memória individual dos quais combateram *no front*. Assim torna-se possível observar as disputas por uma memória da Guerra que serviram às narrativas e aos interesses de determinados grupos na Alemanha entre guerras.

De modo geral, Jacques Le Goff (1990) coloca que após a Primeira Guerra Mundial a construção de monumentos voltados às homenagens aos mortos no evento, significou uma importante manifestação da memória coletiva. Deste modo, “Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada

ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em tomo da memória comum.” (LE GOFF, 1990, p. 245).

De outro modo, as memórias individuais dos quais sobreviveram à Guerra, em muitos casos, além de negligenciadas, tornaram-se um pesado fardo a ser carregado ao longo de suas vidas. Alguns buscaram falar ou escrever sobre a catástrofe, outros sempre permaneceram silenciosos exemplos. Como Walter Benjamin (1987) destaca, estas pessoas retornaram da Guerra pobres em experiências que pudessem ser transmitidas, devido à sua vivência traumática e horrenda dos campos de batalha.

Atualmente tem-se o acesso a diversos relatos: diários, obras literárias, entre outros materiais referentes às experiências pessoais na Guerra, contendo resquícios destas memórias individuais. Neste sentido, destaca-se que grande parte das informações que constituem este capítulo; referentes a trajetória de Erich Maria Remarque foram extraídas de seus diários, nos quais constantemente ele deixava as suas impressões⁹. Os diários tiveram um papel fundamental nas narrativas construídas pelo escritor, e deste modo, os seus romances possuem conteúdos indispensáveis para estudar e melhor compreender a vida do escritor.

3.1.1 A Formação escolar de Remarque

De acordo com a biógrafa de Remarque, Julie Gilbert¹⁰ (1998), sabe-se que o romancista nasceu no dia 22 de junho de 1898 em Osnabrück, cidade da Vestfália, na Baixa Saxônia. Seu nome de nascimento era Erich Paul Remark¹¹.

Em 1904, aos seis anos de idade, Remarque iniciou seus estudos na escola primária *Domschule* (Escola da Catedral). Por volta de 1908 sua família mudou-se para a parte sul de Osnabrück, então Erich passou a frequentar a escola *Johannisschule* na qual ficou até 1912. “Por ser considerado da classe de artesãos, a educação normal de Erich terminaria nessa segunda escola. Teve apenas oito anos de escola elementar, sob os auspícios da Igreja Católica.” (GILBERT, 1998, p. 15). A autora ainda aponta que, por Erich ser de classe média baixa, ele precisou lidar com as limitações, citando como exemplo a impossibilidade deste frequentar uma

⁹ As demais informações vêm das cartas escritas por Remarque ou endereçadas à ele; também de entrevistas dadas pelo escritor, e demais notícias sobre ele.

¹⁰ Julie Gilbert escreveu a biografia de Erich Maria Remarque e sua última esposa a atriz norte americana Paulette Goddard. A biografia é basicamente composta a partir dos diários de Remarque, e outros documento do Arquivo Erich Maria Remarque de Osnabrück.

¹¹ Foi apenas em 1922 que ele anexou “Maria” ao nome e substituiu a letra (k) do sobrenome por (que).

instituição de ensino médio, *Mittelschule*, ou o ginásio alemão, o qual era frequentado por estudantes das classes altas, onde aprendiam inglês, francês, latim e ciências humanas.

Mas apesar destas restrições, entre 1912 a 1915, Remarque frequentou a *Präparande*, escola preparatória católica. Estes anos abriram caminho para que ele conseguisse ingressar no Seminário Católico para professores em 1916 no qual recebeu a formação necessária para atuar como professor de gramática. Ainda sobre o tema, Gilbert (1998) nos mostra que este período foi determinante para a formação acadêmica e humana de Remarque. Assim ele encontrou uma forma de se expressar, e começou a escrever pequenos ensaios. Mas, nesta época, ele foi convocado pelo exército, onde experienciaria o que depois lhe seria a principal fonte para sua escrita.

Durante os anos de formação escolar, ele já pôde ser considerado um leitor ávido. Gilbert (1998) afirma que aos quinze anos de idade, mesmo precisando de muito esforço para entender algumas obras, Erich lia, *a Crítica da razão pura* de Immanuel Kant, também lia Nietzsche, Jack London, Rilke, Franz Werfel e Schopenhauer. Em especial, gostava dos escritores Herman Hesse, Stefan Zweig, Dostoievski, Thomas Mann, Goethe e Proust.

Em 1916, Remarque passou a conviver com pessoas que partilhavam gostos pela arte e pela literatura muito semelhantes aos dele, o grupo ficou conhecido como o “Círculo dos Sonhos”. Integrado basicamente por jovens, estes “Reuniam-se para ler em voz alta, discutir e encorajar os trabalhos uns dos outros e também para analisar e condenar ‘o triste estado da autoridade familiar, acadêmica e governamental’.” (GILBERT, 1998, p. 20).

A autora ainda salienta que Erich encontrou neste grupo o pintor e poeta Fritz Hörstemeier, o qual tornou-se uma pessoa de grande influência para o futuro escritor. O artista era pacifista, e possuía elevados propósitos em prol de uma sociedade melhor. “Erich seguia e praticava cegamente tudo o que defendia o seu ‘querido Fritz’ (como ia se referir a ele no seu próprio diário).” (GILBERT, 1998, p. 21).

Mesmo convivendo com os integrantes do Círculo dos Sonhos, Erich ainda não tinha clareza sobre seu futuro como escritor, por mais que esta profissão já estava em seus planos, aparentemente não era a sua primeira opção. Neste sentido, anos após a Guerra, em uma entrevista, Remarque afirmou que gostaria de ter sido compositor e músico pianista, no entanto, um ferimento em uma das mãos o obrigou a mudar de planos, seguindo então a carreira de escritor. “Quanto a mim, sonhava em ser compositor e, veja, me vi de repente jogado em barracas de campanha e poucas semanas depois enviado ao *front*.” (apud GILBERT, 1998, p. 21).

3.1.2 A Guerra

Quanto a participação de Erich na Primeira Guerra Mundial, pode-se afirmar com base na obra de Gilbert (1998), que Remarque buscou resistir o quanto pôde para evitar o *front* e adiar o seu comparecimento na Guerra. Como se verá melhor adiante na presente monografia, esta resistência é perceptível em dois momentos na trajetória de Erich.

Por outro lado, também é possível refletir sobre o seu posicionamento pacifista firmado a partir dos romances *Nada de Novo no Front* (1929) e *O Caminho de Volta* (1931), em conformidade com a autora, ao que tudo indica, esta posição já estava presente antes de ir a Guerra o que se manifestava na sua resistência em combater. No entanto pode-se questionar este apontamento de Gilbert, a partir da mesma entrevista do escritor, quando este afirma: “Minha vida mudou no momento em que comecei a organizá-la livremente de acordo com meus sonhos.” (apud GILBERT, 1998, p. 21). Através destas declarações percebemos um grande sentimento de frustração, o qual pode estar diretamente ligado com a abrupta interrupção de seus sonhos e suas ambições pela Guerra. Desta forma podemos indagar se de fato Erich foi um pacifista antes mesmo de ser convocado, mediante a influência de Hörstemeier; ou sua resistência assim como o posicionamento adverso à Guerra estão ligados à um individualismo burguês, portanto podem ser reflexos do seu temor diante da possibilidade de precisar sacrificar na Guerra os seus interesses pessoais em plena ascensão.

No mesmo sentido, Gilbert (1998) comenta sobre o alistamento de alguns colegas de Remarque já em 1915, sobretudo destacando a resistência presente na sua opção em não alistar-se naquele ano. Percebe-se uma convicção precipitada da autora sobre Erich, ela afirma que aos 18 anos de idade pode-se observá-lo como um patriota, não militarista e pacifista. O que, como se viu anteriormente, é muito questionável. Também é interessante constatar através destas colocações, que aparentemente Erich não sentia-se “atraído” pelo “espírito nacionalista” o qual mobilizou milhares de jovens de forma voluntária para o *front*. Contudo, do mesmo modo pode-se refletir sobre esta “não atração”, como mais uma manifestação em defesa das suas ambições pessoais, em oposição ao nacionalismo que pregava os sacrifícios do indivíduo pela nação.

No entanto, tais fatores não impediram a sua convocação. “Em 21 de novembro de 1916, Erich foi convocado pelo exército. O treinamento de recrutas em Osnabrück era num acampamento chamado Kaprivi-Kaserne. Erich e seus camaradas foram submetidos a um adestramento rigoroso mas fisicamente suportável.” (GILBERT, 1998, p. 22).

Nas linhas seguintes, a autora nos mostra algo extremamente relevante para a presente pesquisa e ao mesmo tempo intrigante, merecendo uma análise mais detalhada que será realizada aqui. Ela destaca que Remarque nunca combateu durante os três anos dos quais permaneceu no exército, apesar de estar muito próximo do *front*. Como podemos perceber, esta fase da vida de Erich é bastante confusa, pois algumas informações não conferem com a imagem difundida do escritor. Ainda em conformidade com a autora, consegue-se perceber que a editora Ullstein¹² investiu numa propaganda forte envolvendo o texto *Nada de novo no front* e a imagem do escritor, “forçando” uma autobiografia.

Mesmo não combatendo, Remarque esteve nas trincheiras, presenciou ataques inimigos, vivenciou a crueldade da Guerra, assim como, viu de perto a morte de muitos dos seus camaradas. Participou diretamente arrastando companheiros feridos para longe do fogo cruzado e também foi ferido.

[...] foi ferido em três partes do corpo por estilhaços de granadas inglesas de longa distância. Foi no começo da ofensiva inglesa, em 31 de junho de 1917, e ele foi atingido por trás das linhas. Feriu-se acima de um joelho, no braço direito perto do pulso e no pescoço. Não foram ferimentos graves, mas suficientes para tirá-lo da guerra e colocá-lo no hospital. Foi primeiro levado para o Hospital de Campo 309, em Thourot, e depois, em agosto, para o hospital Sankt Vincenz, em Duisburgo. (GILBERT, 1998, p. 24).

No hospital de Duisburgo ele permaneceu por um longo tempo, foi lá que escreveu o seu primeiro romance, intitulado *O recanto do sonho*. Além disso, neste período Erich perdeu duas pessoas pelas quais possuía grande admiração e afinidade: sua mãe faleceu em setembro de 1917, e em junho do ano seguinte faleceu o seu amigo Fritz Hörstemeier. Numa entrevista no ano de 1929, ele falou sobre a perda diante da situação na qual encontrava-se: “Eu estava sem objetivo, infeliz, desapontado e sozinho. [...]”. (GILBERT, 1998, p. 24). Enquanto se recuperava dos ferimentos passou alguns dias em Osnabrück, pois já estava apreensivo em ser chamado para retornar a Guerra quando estivesse recuperado, e não sabia se ainda voltaria vivo para a sua cidade natal.

Mas Remarque não lamentava o fato de ter sido ferido, como podemos perceber a partir da carta enviada ao seu amigo Dopp: “[...] levei um tiro no pescoço. [...] vai levar um tempo para meus ferimentos sararem; não estão cicatrizando muito bem. Não importa! Não lamento.” (GILBERT, 1998, p. 25). Claramente ele preferia continuar no hospital do que ser reenviado ao

¹² Editora que adquiriu os direitos da obra de Remarque. Sobre o assunto, comentaremos de forma mais detalhada nas próximas páginas.

campo de batalha. Desta forma pode-se observar a sua prolongada recuperação como uma estratégia para resistir e sobreviver.

Seguindo com base nas colocações de Gilbert (1998), o período de recuperação Erich foi até o início de outubro de 1918, quando foi chamado para a reapresentação no exército. No final deste mesmo mês foi mandado à Osnabück, e avaliado em boas condições para voltar ao *front*. Mas ele novamente não precisou combater, pois em menos de duas semanas a Primeira Guerra Mundial terminou com assinatura do armistício em 11 de novembro de 1918.

3.1.3 O pós-Guerra

No entanto, para Remarque e milhares de outros jovens sobreviventes, o fim da Guerra significou o início de um outro tempo ainda repleto de dificuldades. É justamente sobre este período de readaptação em meio a uma Alemanha abatida que o ex-combatente escreve o romance *O caminho de volta*.

As consequências da paz pela derrota foram severas. Erich e seus camaradas se viram confrontados com uma missão abordada, um heroísmo que caducara e um país beligerante deprimido que não queria readmitir aqueles que considerava soldados impotentes como civis honrados ou mesmo respeitados. (GILBERT, 1998, p. 29).

A autora também destaca que nos primeiros tempos após a Guerra, Erich começou a comportar-se de uma forma peculiar. O seu amigo, e também veterano da Guerra, Hanns-Gerd Rabe, escreveu sobre este fato: “ ‘Esses tempos inquietos, com revolução no ar, tentavam-no por vezes a um estranho e inexplicável comportamento. Era visto usando condecorações de guerra que jamais recebeu.’ ” (GILBERT, 1998, p. 30). Sobre o assunto, Rabe ainda comenta sobre uma fotografia da época, na qual Remarque aparece usando um uniforme militar de sargento¹³ repleto de medalhas, acompanhado de um cão pastor-alemão e segurando em uma das mãos um chicote.

Observando este fato não é possível encontrar muitas explicações plausíveis para justificar tal conduta. Mas, através de uma carta escrita por Erich, pode-se insinuar que o ex-combatente buscou inicialmente desta forma superar o fracasso no pós-guerra.

Tenho que superar uma catástrofe espiritual – o destino tem punhos de aço. Mas no domingo deixei tudo para trás, levantei orgulhosamente a cabeça, dei um laço engraçado no pescoço do meu cão, pus, ao sol, um amentilho de salgueiro na minha Cruz de Ferro, coloquei a braçadeira de tenente (é o que sou agora) e saí em parada, cheio de orgulho e elegância, tanto que se arregalaram os olhos dos filisteus. Este sou eu! (apud GILBERT, 1998, p. 30).

¹³ Remarque nunca passou de um soldado raso.

Por um lado, este comportamento revela a necessidade urgente deste indivíduo reencontrar um lugar dentro da sociedade, assim como ser reconhecido pelo serviço prestado ao Estado alemão durante a Grande Guerra. Por outro, pode-se pensar sobre uma certa culpa por não ter lutado no *front*.

De acordo com Gilbert (1998), no ano de 1919 Erich e outros ex-combatentes voltaram para o Seminário Católico para Professores com a finalidade de terminar seus estudos. Esta fase da sua vida rendeu algumas páginas na obra *O caminho de volta*, quando Ernst, personagem principal do romance, vê-se diante da necessidade de retornar ao seminário, da mesma forma que o fez Remarque.

Como pode-se perceber, essa obra possui um caráter autobiográfico significativo. Através da pesquisa realizada até este momento, é notável que *O caminho de volta* dialoga mais com as vivências do escritor, do que o seu livro de maior sucesso: *Nada de novo no front*. E assim, torna-se possível retomar a questão levantada anteriormente referente ao fato dele nunca haver combatido nas frentes de batalha durante a Guerra.

Neste sentido, *Nada de novo no front* foi publicado em livro como uma clara biografia do escritor sobre as vivências nas frentes de batalha alemãs durante a Primeira Guerra Mundial. Mas como pode-se observar, isso é contraditório com a realidade que se sucedeu na vida de Erich neste período. A editora Ullstein adquiriu os direitos da obra e foi responsável pela criação de uma imagem de um Remarque que atendesse aos seus interesses. De acordo com a importante funcionária do arquivo Remarque em Osnabrück, Angelika Howind:

[...] Após a compra do manuscrito pela Ullstein (...) a editora usou todos os truques do marketing de antecipação para suplantar as fortes tendências militaristas alemãs. Criou um Erich Maria Remarque artificial, para diferenciar o seu livro de outros romances de guerra. Falsificando dados, criou a ilusão de que *Nada de novo* era um documento autobiográfico escrito por um homem simples e ingênuo, símbolo de todos os soldados do *front*. (GILBERT, 1998, p. 93-94).

A editora também: “Apresentou seu diário como uma catarse, dizendo que passou anos guardado na escrivaninha e que ali permaneceria se os amigos não insistissem a publicá-lo.” (GILBERT, 1998, p. 94). Sobre o assunto, Howind complementa que tais afirmações não são autênticas, pois Erich participou diretamente na divulgação do livro, assim como objetivava, mesmo que não sendo como a primeira opção, a vida de escritor. A Ullstein apresentou Remarque como um amador no ramo da escrita, buscando manter e reforçar a ideia da autobiografia.

Como é possível perceber a partir de Gilbert (1998), antes mesmo da publicação de *Nada de Novo*, o romancista já trabalhava na obra *O Caminho de Volta*, e inclusive, vendera os direitos da mesma para a editora neste momento. A primeira obra, foi publicada no início, como folhetim de jornal, e após obter sucesso neste formato, foi lançada em livro.

As discussões tratadas acima podem render novas pesquisas, no entanto, para a presente monografia, é importante destacar como o *Nada de Novo no Front* mudou radicalmente a vida escritor “[...] ele conseguiu aclamação mundial com apenas um livro” (GILBERT, 1998, p. 98). O seu sucesso não apenas redeu grandes lucros financeiros para Erich, como também causou grande exaltação e controvérsia na sociedade alemã durante a República de Weimar. “Como o livro foi acolhido por um vasto público leitor, acabou sendo visto pelos ultranacionalistas como subversivo. Sua posição antimilitarista e antibelicista inflamou o Partido Nacional Socialista.” (GILBERT, 1998, p. 97).

Foi justamente por mexer nestas questões que o romancista passou a encontrar problemas em residir na Alemanha, pois sua obra de caráter claramente pacifista, não agradava as crescentes massas nazistas. Para o nacional-socialismo, as questões abordadas por Remarque não eram “politicamente populares”, assim o escritor passou a ser visto pela extrema-direita como um inimigo, traidor da pátria.

Os nazistas também passaram desenvolver uma propaganda fantasiosa e falsa contra o ex-combatente. Conforme Gilbert (1998), esta propaganda o apresentava como um judeu francês com sobrenome Kramer, acusando-o de haver invertido o seu sobrenome e substituído a letra *k* pelo *que*. Assim observa-se a publicação Nacional Socialista:

O pequeno Kramer, filho de pais humildes (...) renegou rapidamente seu passado de soldado, ao voltar da guerra. Gostava de se ver no papel do pacifista na companhia decadente dos vitoriosos no conflito e de intelectuais judeus. Um diletante, não um trabalhador, tentou ser professor de aldeia, crítico de teatro, consultor publicitário (...) piloto amador de corridas, redator de uma publicação esportiva de Berlim. *Im Westn Nichtes Neues*¹⁴ foi o resultado de uma fantasia suja que ninguém queria publicar, até que o judeu Ullstein, certo do efeito destrutivo para a honra e o respeito, usou Remarque para ameaçar a consciência nacional. [...] (apud GILBERT, 1998, p. 99).

Assim como com o livro, o mesmo se sucedeu com o lançamento do filme *Nada de Novo no Front*, em 1930. A obra cinematográfica fez grande sucesso no mundo, mas não na Alemanha. “Naquele clima pré-hitlerista o filme era encarado como um ataque ao nacionalismo alemão.” (GILBERT, 1998, p. 111). A autora destaca a forma como Joseph Goebbels, o então líder do partido em Berlim buscou manchar a imagem do filme. Com esta finalidade, mandou

¹⁴ Nome original da obra *Nada de Novo no Front*.

alguns de seus homens assistirem a primeira sessão, e antes mesmo dos créditos iniciais, eles soltaram ratos e bombas de mau cheiro na sala do cinema, buscando assustar e dispersar os espectadores. Desta forma, posteriormente o livro e o filme foram proibidos na Alemanha nazista.

Além de proibidos, os livros de Remarque também foram queimados, pois eram considerados de espírito derrotista. Conforme Lenharo (2002), estas cerimônias de queima justamente possuíam um intuito de simbolizar a “purificação do espírito nacional”. Este ato também pode ser visto como sinônimo de limpeza, livrando a nação de toda arte subversiva e decadente.

De forma semelhante, Erich também passou a sofrer com ataques à sua pessoa. “Na primavera de 1932, o governo alemão confiscou a conta de Remarque no Banco Nacional de Darmstadt, em Berlim.” (GILBERT, 1998, p. 120). Mas ele já havia percebido o perigo com antecedência e transferiu seu dinheiro para a Suíça.

Conforme Gilbert (1998), na madrugada de 29 de janeiro de 1933, Remarque estava em um bar na cidade de Berlim, quando um amigo, cuja o posicionamento era antinazista, lhe passou um bilhete, no qual avisava ao escritor que este deveria sair rapidamente da cidade, o que imediatamente fez. Logo que Erich saiu da Alemanha, mudou-se para a cidadezinha de Porto Ronco, próximo de Ascona na Suíça. Praticamente neste mesmo momento Adolf Hitler tonou-se o chanceler alemão, e assim o ex-combatente só retornou ao seu país de origem no ano de 1952.

Já na Suíça, ele escreveu sobre a fuga ao exílio feita às pressas: “[...] tive que deixar a Alemanha porque minha vida estava ameaçada. Não era judeu nem de tendência política esquerdista. [...]” (GILBERT, 1998, p. 120). Posteriormente Joseph Goebbels convidaria Remarque para retornar à Alemanha, que em resposta escreveria: “ ‘O quê? Sessenta e cinco milhões de pessoas querendo sair e eu vou voltar por livre e espontânea vontade? De jeito nenhum!’ ” (GILBERT, 1998, p. 121).

Mas os ataques continuaram, e por consequência, em 1938 o escritor perdeu a sua cidadania alemã. A citação a seguir mostra um documento assinado por um agente da Gestapo, e contém acusações e as justificativas proferidas pelos nazistas:

[...] com o apoio da editora judia Ullstein, durante anos insultou, da maneira mais sórdida e desprezível, a memória dos soldados mortos na Guerra Mundial e, como resultado disso, já se excluiu da comunidade alemã.

Com o dinheiro obtido dessa maneira comprou uma *vila* na Suíça. [...] manteve até recentemente intensa vida social limitada exclusivamente a emigrados, judeus e comunistas. (...) [Suas] ligações também mostram inequivocamente que ele tende, tanto quanto antes, para as ideias sediciosas judaico-marxistas. (...)

Estou por isso propondo que seja privado da cidadania alemã. [...] (apud GILBERT, 1998, p. 185).

3.1.4 Trabalho

Após a Primeira Guerra Mundial, Remarque trabalhou em diversos lugares, e exerceu mais de uma profissão. Conforme Gilbert (1998), sabe-se que o ex-combatente aceitou um cargo de professor substituto de escola primária, no qual trabalhou entre agosto de 1919 até 31 de março de 1920. O serviço fez parte justamente de uma fase complicada de sua vida, quando demonstrava claros sinais depressivos. O local de trabalho era na aldeia de Lohne, onde o acesso era difícil e só poderia ser feito a pé ou de bicicleta. Seu segundo cargo como professor também foi em uma localidade remota, na qual trabalhou até o mês de junho; entre agosto a novembro do mesmo ano, o governo o colocou em outro povoado, desta vez mais próximo de Osnabrück. Após cumprir suas obrigações neste local, ele abandonou o serviço público sem justificar os motivos desta escolha.

Posteriormente, “Erich passou a levar uma existência quase à míngua na República de Weimar, fazendo de tudo para ganhar a vida, sendo desde vendedor de roupas e lápides a organista de um asilo de loucos.” (GILBERT, 1998, p. 36). Atualmente, ainda existem comentários de que diante as dificuldades da época ele haveria inclusive trabalhado como pedreiro por um breve momento, no entanto não pode-se afirmar esta informação como verdadeira, pois a biografia sobre o escritor não apresenta qualquer comentário referente ao assunto, o site oficial do Arquivo Erich Maria Remarque de Osnabrück também não trás nada sobre o tema.

Ainda conforme a autora, ele viveu em Osnabrück até outubro de 1922, quando mudou-se para Hanôver e assumiu o cargo de articulista na revista da Companhia de Borracha Continental, a *Echo-Continental*; na qual em junho do próximo ano tornou-se editor-chefe.

Esta fase é considerada como um divisor de águas antes da obra *Nada de Novo no Front*; pois, com o novo serviço na revista, ele também passou a assinar com o nome que ficaria mundialmente conhecido, “Erich Maria Remarque”. O ex-combatente obteve sucesso na carreira de editor e jornalista em 1925¹⁵ começou a trabalhar em Berlim, na revista *Sport im Bild*, na qual permaneceu até lançar-se definitivamente como romancista.

¹⁵ Neste ano Remarque também casou-se pela primeira vez com Jutta Ilse Ellen Zambona.

Conforme já se comentou anteriormente, pode-se notar como o ato de escrever sobre a Primeira Guerra Mundial lançou Erich para uma nova carreira. E neste sentido, é interessante observar o comentário do escritor sobre o assunto:

Nunca tinha pensado antes em escrever sobre a guerra. (...) Ocupava-me de outro tipo de trabalho. Estava empregado como “editor fotográfico” de um periódico. As noites, eu dedicava a uma série de coisas. Por exemplo, fiz várias tentativas de escrever uma peça de teatro, mas nunca tive sucesso porque tinha violentos ataques de desespero e a mente se voltava para as experiências da guerra. Senti um fenômeno bem parecido nas minhas relações e amizades. Todos éramos e ainda somos até hoje vítimas da inquietação. (...) As sombras da guerra nos oprimiam, sobretudo quando não pensávamos absolutamente nisso. No exato momento em que estas idéias me invadiram, comecei a escrever, sem maiores reflexões. Isso durou seis semanas – todas as noites, quando voltava do trabalho – e o livro foi construído nesse espaço de tempo. (...) Não tinha nenhuma confiança na minha obra como produto literário, porque era a primeira vez que escrevia naquele estilo. (apud GILBERT, 1998, p. 88-89).

O escritor ainda comentou sobre o peso que a Guerra representava em sua consciência, e o quanto isso estava constantemente presente no seu dia-a-dia. Então, escrever sobre, foi uma forma encontrada por ele para buscar fugir das lembranças traumáticas. Com este método, ele também objetivou obter maior clareza sobre sua própria experiência nos campos de batalha.

3.2 DISPUTAS INTELLECTUAIS NA REPÚBLICA DE WEIMAR

Em meio ao caos e aos problemas enfrentados após a Guerra, a República de Weimar também foi um período de muita efervescência cultural, artística e literária. Por tais motivos, torna-se difícil classificar ou até mesmo situar a grande leva de intelectuais, as suas ideias e colocações. Assim, nas próximas páginas deste capítulo apenas serão destacados alguns pontos relevantes para a compressão do contexto da Alemanha entre guerras, e que nos auxiliem na melhor compreensão do momento histórico no qual Remarque viveu. Semelhantemente, também se comentará sobre alguns intelectuais e alguns textos considerados indispensáveis para tal compreensão.

Inicialmente pode-se chamar a atenção para a figura de Thomas Mann, considerado um intelectual apolítico até 1922, quando assumiu em público o seu posicionamento favorável à república alemã e à democracia. Semelhante a Remarque, Mann não entra nessa arena política como militante, mas como escritor, e posiciona-se contra a ascensão do nazismo. É o que destaca Sonia Dayan-Herzbrun (1997), quando diz que o crescimento da extrema-direita desperta muitas emoções no escritor, “desgosto, espanto, ódio”, entre outros sentimentos, mas a escrita de Mann se sobrepõe a tudo isso.

A autora ainda destaca a tentativa nazista de apoderar-se da “cultura alemã”, fazendo uma releitura desta, ou uma nova interpretação voltada para o sentido “étnico-racial”. É justamente essa apropriação indevida da cultura que Thomas Mann contesta veementemente nas suas obras, fazendo dele um grande crítico ao nazi-fascismo.

Assim como Remarque e outros inúmeros intelectuais, cujas ideias não andavam aliadas ao nacional-socialismo, Thomas Mann foi obrigado a exilar-se após 1933, adquirindo posteriormente a nacionalidade norte americana. Nas próximas páginas é possível perceber melhor como a Alemanha entre guerras teve o seu período de florescimento intelectual nos anos da república, com grandes disputas e muita diversidade até 1933. Quando Hitler chega ao poder ocorre um enorme expurgo de todas estas ideias não aliadas ao governo, e são muitos os intelectuais que precisam exilar-se para proteger suas vidas.

3.2.1 A literatura do pós-Guerra: Remarque *versus* Jünger

Conforme Norbert Elias (1997), a literatura produzida na Alemanha durante a República de Weimar abordou a Grande Guerra de várias maneiras distintas, destacando duas formas completamente opostas: a literatura de oposição ao evento e a literatura de apoio. Neste último estilo estão muito presentes elementos como: “[...] uma atitude positiva em relação ao uso de força militar e de orgulho na ausência de piedade para com o inimigo.”, assim o autor continua: “[...] sem encobrir o horror da guerra, é feita uma tentativa de torná-la aceitável aos olhos do público, mantendo seu entusiasmo ao romantizar a violência como heroísmo e representar a guerra como, [...] algum grande evento cósmico, [...]” (ELIAS, 1997, p. 190). O autor também comenta sobre os objetivos pro trás destes textos:

Subjacente nessa literatura pró-guerra está, pois, um objetivo ideológico e propagandístico tácito e raramente formulado com clareza. Em relação a política externa, esse objetivo era a reintegração da Alemanha como grande potência e, se possível, numa posição de supremacia, até por meio de uma nova guerra, se fosse necessário. No tocante a política interna era o retorno a uma ordem clara de superordenação e subordinação nas relações entre líderes e liderados, não só no exército, mas na nação inteira. (ELIAS, 1997, p. 194).

Elias cita o livro *A tempestade de aço* de Ernst Jünger como exemplo deste tipo de literatura, pois nesta obra Jünger quer mostrar aos seus leitores que “[...] matar inimigos também tem seu lado agradável.”, da mesma forma, “Não se faz a menor menção a momentos de medo, hesitação, ansiedade e fraqueza.” (ELIAS, 1997, p. 191). Assim, o autor destaca como o horror

é glorificado, a violência é romantizada, e tais fatores unidos às origens místicas da Guerra transformam a barbárie em algo bonito ou admirável.

Por mais que a literatura de Jünger também foi escrita com base nas anotações do seu diário no *front*, ela possui objetivos extremamente contraditórios em comparação com os romances de Remarque. Diferentemente de *A Tempestade de aço*, *Nada de novo no front*, não romantiza os horrores da Guerra, também não descreve os combatentes como heróis, mas sim, como simples soldados maltrapilhos. Conforme Elias (1997) esta obra de Remarque provavelmente buscou diminuir o entusiasmo dos jovens pela Guerra. Assim, romances como estes poderiam influenciar a população a ponto de torná-la menos disponível à prestação do serviço militar. O autor destaca tais fatores como os motivos pelos quais Erich passou a ser visto como um traidor diante de alguns círculos na sociedade alemã, sobretudo entre aqueles responsáveis pela literatura pró-guerra.

Durante a República de Weimar haviam muitas divergências, principalmente referente ao posicionamento diante da situação de derrota pós-Guerra. Seguindo na linha de pensamento de Elias (1997), percebe-se que as controvérsias presentes na literatura desta época, mostram claramente as disputas internas naquela Alemanha. “Havia um grupo que já não queria mais a guerra e que acreditava que o país podia viver muito bem, mesmo sem a ampliação de seu poderio militar [...]”, estes grupos eram integrados por: “[...] grande massa da classe trabalhadora industrial, parcelas da classe média liberal e muitos intelectuais.” (ELIAS, 1997, p. 194). De acordo com o autor, este grupo apoiava uma República parlamentar, e via na queda do Império de Guilherme II, muitas vantagens para a nação.

O Outro grupo está ligado ao Império, favoráveis a restauração do poder hierárquico na Alemanha, o qual era formado pela: “[...] aristocracia alemã [...]”, mas também por: “jovens oriundos da classe média que tinham sido promovidos a oficiais durante a guerra.” (ELIAS, 1997, p. 195). Ainda conforme Elias (1997), este grupo encontrava-se duplamente derrotado com o fim da Guerra e o fim do Império alemão. No entanto, lutavam pela reconstrução da Alemanha como uma potência, mesmo que precisasse de uma outra guerra para alcançar este objetivo.

3.2.2 Intelectuais e as ideias de direita

Como pode-se perceber através das colocações da presente monografia, o movimento da extrema-direita política alemã não chegou ao poder de forma imprevisível. Ao observar os discursos, as reivindicações destes setores políticos no pós-Guerra, claramente torna-se

possível identificar os elementos fundamentais que integraram e formaram o governo de Hitler. Sendo assim, as ideias que culminaram nas atrocidades realizadas pelo nazismo principalmente durante a Segunda Guerra Mundial já podiam ser observadas em plena “gestação” durante a República de Weimar.

Estas ideias já estavam presentes no início da República, e manifestavam-se principalmente a partir de publicações em livros, revistas e jornais, os quais buscavam combater os movimentos simpatizantes da esquerda política, demonstrando total repúdio ao bolchevismo. Semelhantemente, neste período os judeus também já sofriam insultos vindos da extrema-direita alemã. O ódio direcionava-se ainda à França e às questões envolvendo o Tratado de Versalhes, e contra a República recém instalada. Neste sentido Lionel Richard (1988) mostra que estas organizações nacionalistas, anti-semitas e anti-republicanas, já possuíam grandes instrumentos propagandísticos, os quais eram financiados por industriais e homens de negócios.

Neste contexto também surgiram intelectuais, cujas ideias coabitavam no campo da direita política. Como no caso do filósofo Oswald Spengler¹⁶, conhecido pela obra *A decadência do ocidente*, que não defendia a restauração do Império alemão, nem o socialismo marxista russo; conforme Richard (1988), suas ideias propunham o que ele chamava de “socialismo prussiano”, isso consistia em: “Uma organização econômica rigorosa, sempre capitalista naturalmente, fundada sobre autoridade de uma elite e sobre a obediência de todos os outros.” (RICHARD, 1988, p. 248).

Para aqueles que não se identificavam com a República de Weimar, e concomitantemente eram contrários ao socialismo, ao marxismo e ao liberalismo; o escritor Arthur Moeller van den Bruck¹⁷ possibilitou a crença numa nova Alemanha. Segundo Richard (1988), este escritor acreditava numa “miséria moral e espiritual” presente na Alemanha pós-Guerra, da qual a república não seria capaz de mudar. Assim, a fraqueza da nação abalada pelo Tratado de Versalhes, por ele queria ser fortificada através da “força potencial” presente no espírito místico da nação.

Consecutivamente: “[...] com maior ou menor intensidade, segundo as circunstâncias, uma impregnação contínua de ideias anti-democráticas, com frequência expressas sutilmente, se exerceu sobre a atmosfera intelectual da República de Weimar.”. O autor ainda destaca, que

¹⁶ De acordo com Leandro Assunção da Silva (2011), Spengler foi acusado de simpatizar com o nazismo, no entanto o autor destaca que este afastou-se do nazismo e não pode ser culpado pelo uso de seus escritos pela extrema-direita alemã.

¹⁷ Conforme Richard (1988), as ideias, mas sobre tudo o título *O Terceiro Reich* da obra de 1923 escrita por Arthur Moeller van den Bruck, também foi usurpado pelos nazistas como emblema do programa político do partido.

em 1929, com o principal objetivo de reunir intelectuais ligados ao “tradicionalismo”, a Liga de Combate e Defesa da Cultura Alemã monta esforços contra a “arte moderna”. Ou seja: “[...] absolutamente todas as obras e os autores que não cantam o ‘sangue e o solo’ alemães, as virtudes ‘germânicas’, a ‘civilização nórdica’.” (RICHARD, 1988, p. 250-251).

Neste contexto a obra *Mein Kampf* escrita por Hitler difundia as crenças do nazismo pela Alemanha, atacava os grupos de oposição e aqueles cujas ideias não andavam aliadas aos planos do Nacional Socialismo. No que diz respeito aos movimentos artísticos, Lenharo (2002) destaca que a extrema-direita alemã enaltecia o neoclássico obtendo muita inspiração nas artes gregas; por outro lado depreciava os movimentos de vanguarda como o expressionismo, o cubismo e o dadaísmo, considerados inferiores, assim como as artes africanas.

3.2.3 Clima intelectual à esquerda e os inimigos do nazismo

A revolução na Rússia em 1917 teve grande influência na Alemanha. No último ano da Guerra, as manifestações e greves em oposição ao evento se espalhavam pelo Império alemão. De acordo com Loureiro (2005), em torno de quatrocentos mil operários paralisaram os serviços em sua maioria nas fabricas de munição; posteriormente a greve se espalhou por diversas cidades, e atinge mais de um milhão de trabalhadores. De forma semelhante, os grupos revolucionários ganham força ao final após a Guerra, e a Alemanha passou por diversos conflitos internos.

Em Berlim a Liga Espartaquista fazia oposição à Guerra Mundial e liderou a revolução socialista após o fim do combate; sobre o assunto, Loureiro (2005) também nos mostra que este período foi marcado por grandes divergências no campo da esquerda política alemã, tanto teóricas como práticas, as quais resultaram no assassinato dos líderes Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht. O fato deu: “[...] origem a uma guerra civil perversa, que abriria um abismo insuperável entre socialistas ‘moderados’ e ‘radicais’, levando ao fortalecimento e à vitória da contrarrevolução nazista.” (LOUREIRO, 2005, p. 20). De acordo com Ferraz (2009) mesmo após os assassinatos dos líderes e a revolução frustrada, não puseram fim aos movimentos revolucionários. Os quais estenderam-se até outubro de 1923, quando ocorreu a derrota definitiva do movimento.

Neste mesmo período foram muitos os intelectuais cujas ideias estavam à esquerda e extrema-esquerda alemã, ou simplesmente faziam oposição ao nazismo pelas suas convicções divergentes. Com fim da Primeira Guerra Mundial e a queda do Imperador Guilherme II, houve uma explosão destas novas convicções. De acordo com Richard (1988), nesta época crescia um

grande entusiasmo em romper com o passado e edificar uma nova Alemanha, assim, inflamando muitos escritores e artistas, os quais haviam sido afetados pelas atrocidades da Guerra.

Muitos movimentos artísticos e literários de vanguarda abriram-se às políticas de esquerda durante a República de Weimar. Neste sentido o autor também destaca a chegada ao ápice do Expressionismo, frisando que a maioria dos representantes deste movimento faziam parte do grupo de sobreviventes da Guerra, os quais após o armistício passaram a apoiar a revolução socialista alemã. Os artistas expressionistas posicionavam-se ao lado da arte anti-guerra, e constantemente representavam em suas obras as crueldades deste evento.

De forma Semelhante, o Dadaísmo também chegou na Alemanha ainda durante a Grande Guerra:

[...] embora os dadaístas alemães, quase todos antigos colaboradores das revistas expressionistas, denigram daí por diante seus antigos companheiros porque estes últimos acreditam ainda nos grandes ideais humanitários, eles também não deixam de defender objetivos políticos. [...] Em Berlim, todo mundo simpatiza com a extrema esquerda. (RICHARD, 1988, p. 254).

Com o declínio das aspirações revolucionárias após 1920, também diminuíram os grupos e revistas transmissores dos ideais comunistas. Conforme Richard (1988), simultaneamente, pouco restou do grande impulso coletivo que juntou artistas, poetas e romancistas. Ainda de acordo com o autor, muitos destes intelectuais passaram a manifestar suas ideias na revista *Die Weltbühne*, a qual nunca possuiu muita expressão na Alemanha, mas sempre buscou discutir todos os temas da época.

Com a chegada dos nazistas ao poder todas as manifestações, os movimentos e grupos comunistas foram duramente reprimidos. De acordo com Ferraz (2009), o Nacional Socialismo buscou combater o “caos” e a “desordem” e a “anarquia”, assim referindo-se aos comunistas. Conseqüentemente, estes foram considerados inimigos do povo alemão, e em decorrência sofreram perseguições.

3.2.4 A Escola de Frankfurt

No âmbito acadêmico, dentro de todo este contexto pós- Primeira Guerra Mundial no qual a sociedade alemã estava inserida, é que germinou o Instituto de Pesquisa Social, posteriormente conhecida como A Escola de Frankfurt. Ela foi fundada em 1924 com iniciativa de Félix Weil, integrada a Universidade de Frankfurt. Consistia em uma escola filosófica, com influência marxista, porém, não era ligada a qualquer partido comunista. Conforme a filósofa

Olgária Matos (1993), o instituto fechava uma lacuna na universidade alemã referente à história do socialismo e do movimento trabalhista.

O instituto contou com contribuição de muitos intelectuais, entre eles estão: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin¹⁸, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel. “Autores com origens intelectuais e influências teóricas distintas reuniram-se a partir de 1923, em Frankfurt, empreendendo uma crítica radical daqueles tempos.” (MATOS, 1993, p. 5).

No período entre guerras, as críticas e análises destes intelectuais estavam muito voltadas para a ascensão dos novos governos na Europa, entre eles o governo de Josef Stalin na URSS, o fascismo de Benito Mussolini na Itália, e o nazismo na Alemanha. Com o início do governo de Hitler, o Instituto instalou-se de forma temporária na França, e posteriormente mudou-se para os Estados Unidos.

De acordo com Matos (1993), a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt consiste basicamente na incorporação do pensamento de tradicionais filósofos, e os coloca em tensão com o mundo contemporâneo. Da mesma forma é importante observar que no período da ascensão do nazismo, muito marcado pela disseminação de propagandas com objetivo ideológico de mobilização das massas, o Instituto desenvolveu uma crítica sobre a indústria cultural. Mas, estes intelectuais trabalharam com diversos assuntos, entre eles: a literatura, a música, a arte, entre outros.

Ainda sobre o Instituto de Pesquisa Social, em conformidade com o que Seligmann-Silva (2017), destaca-se a sua tendência mais economicista entre 1924 e 1927, focando no movimento operário, quando estava sob direção de Carl Grünberg. Posteriormente, com a direção de Max Horkheimer, direcionou seus trabalhos para a filosofia, também tentou aproximar a psicanálise e o marxismo hegeliano.

3.2.5 A Psicanálise freudiana na República de Weimar

Conforme já comentou-se anteriormente na presente monografia, a República de Weimar representou um solo fértil para diversas manifestações culturais, artísticas e literárias, num período em que a Alemanha passava por grandes transformações. Com o final da Primeira Guerra Mundial, muitas questões sobre o conflito ainda ficaram no ar. Como observou-se no

¹⁸ Sobre Walter Benjamin, Lionel Richard (1988) nos mostra que estes é constantemente vinculado a Escola de Frankfurt, no entanto, Richard refere se a Benjamin como um colaborador acidental durante a sua emigração para a França.

capítulo anterior e ainda se observará ao longo deste; algumas destas indagações foram levantadas por Sigmund Freud na área da psicanálise e estão presentes nos seus textos publicados após a Guerra.

Assim, em 1920 é publicada a obra *Além do princípio de prazer*, escrita entre 1918 e 1920, a qual foi gestada a partir das informações obtidas com o tratamento de ex-soldados traumatizados após a participação na Guerra, e pela análise de sonhos do próprio Freud. Abrindo caminho para um novo conceito na psicanálise, o *impulso de morte*, iniciando o que ficou conhecido como a *segunda tópica freudiana*.

Em 1921 é publicada, *Psicologia das massas e análise do eu*, classificado entre os “textos sociais” do autor, ele trata sobre as questões relevantes na Europa, sobretudo referente a Alemanha. Esta análise de Freud possibilita observar os mecanismos inconscientes responsáveis pela cega submissão das massas a um líder e pela intolerância ao diferente. A obra: “Traz elementos que nos permitem abordar fenômenos sociais como o racismo, a intolerância religiosa e o fanatismo político.” (SOUSA, 2017, p. 31).

Da mesma forma, ligado diretamente com o clima do pós-Guerra, a obra *Inibição, sintoma e medo* é publicada em 1926, tendo o medo como a tese central do trabalho, tende a demonstrar esse mal que assolava a Europa na época após a Primeira Guerra Mundial.

Durante a década de 1920, a psicanálise já era bastante discutida, no entanto, conforme Richard (1988), foi nos últimos anos da República de Weimar que a psicanálise obteve seu espaço no “universo intelectual” da geração que viveu sua adolescência durante a Primeira Guerra Mundial.

Mas assim como tantos outros intelectuais, a genialidade de Freud não escapou dos ataques do Partido Nacional Socialista Alemão. Mesmo não sendo praticante do judaísmo, o escritor vinha de uma família religiosa e nunca negou suas raízes judaicas. Fugindo das perseguições nazistas, mudou-se para o exílio em Londres, onde morou até falecer em 1939. As obras de Freud também foram queimadas nas cerimônias do partido: “Numa atmosfera de fanatismo e histeria, Goebbels e os estudantes pediam em altos brados que as chamas devorassem, [...] Freud, em favor da ‘nobreza da alma humana’ e contra o ‘exagero destrutivo da via instintiva’ ”. (LENHARO, 2002, p. 42).

No entanto, pode-se considerar os anos que separam o final da Guerra e o início do governo nazista como um período de grande insurgência artística e intelectual. “A Alemanha de então não era apenas muito permeável às ideias novas, a todas as modas intelectuais [...] mas também um país no qual grupos influentes estavam abertos às correntes artística estrangeiras.” (RICHARD, 1988, p. 262).

E como antítese de toda esta efervescência intelectual, cultural e artística, aberta ao novo e às influências estrangeiras, o Nacional-Socialismo e o seu conjunto de ideias é gestado no mesmo instante, dentro da mesma nação. Como escreve Peter Gay (1978): “[...] existiam duas Alemanhas: a Alemanha orgulhosamente militar, abjetamente submissa à autoridade, agressiva na aventura externa, obsessivamente preocupada com a forma; e a Alemanha da poesia lírica, da filosofia Humanística e do cosmopolitismo pacífico” (apud FERRAZ, 2015, p. 51).

4 REMARQUE E O CAMINHO DE VOLTA

Publicado pela primeira vez na Alemanha no ano de 1931, o livro intitulado *O Caminho de Volta*, aborda o retorno dos soldados alemães da Primeira Guerra Mundial após o armistício. A obra inicia com os últimos momentos de um grupo de soldados ainda no *front*, quando são informados do término da Guerra, na sequência estes retornam para suas cidades. É nesse instante que os ex-combatentes deparam-se com os novos desafios, em uma Alemanha derrotada, a qual também não reconhecia os seus esforços prestados nos campos de batalha.

Este é o segundo livro de sucesso escrito por Remarque, e conta o retorno frustrante daqueles que deixaram os seus sonhos de lado para defenderem os interesses da sua nação nas trincheiras da Guerra, e não voltaram como heróis da pátria, mas como culpados pela derrota. Neste sentido, a obra literária pode ser considerada uma importante fonte do testemunho destas subjetividades na Alemanha entre guerras. Na mesma linha de pensamento, Seligmann-Silva (2003) corrobora com esta ideia, nos mostrando que a literatura sempre possui uma proporção testemunhal.

O personagem principal do romance chama-se Ernst, é ele quem narra os fatos, as impressões e os desafios do período pós-Guerra, e expressa suas opiniões sobre o conflito recém findado. Diferentemente de *Nada de Novo no Front*, percebe-se nesta obra uma maior semelhança com as vivências do escritor. Remarque nunca combateu no *front*, então jamais experienciou a Guerra de forma tão direta quanto o personagem principal de *Nada de Novo*, Paul Bäumer. Já quanto as experiências após o Combate, percebe-se muitas semelhanças entre o romancista e Ernst, o protagonista de *O Caminho de Volta*.

De acordo com Gilbert (1998), assim como o *Nada de Novo*, o segundo romance também foi primeiramente publicado como folhetim de jornal, e posteriormente lançado em formato de livro. A obra buscou repetir o sucesso da primeira, e embora tenha sido bem recebida pelo público e pela crítica, “parecia sem brilho” ao ser comparada com o romance anterior. “O livro teve adeptos e detratores, mas não produziu a mesma controvérsia de *Nada de Novo*.” (GILBERT, 1998, p. 117).

Por outro lado, a autora nos mostra que Remarque preferia a obra *O Caminho de Volta*, mesmo não ganhando toda a atenção do público, ele a considerava um de seus melhores escritos. Isso justifica-se “[...] porque achou que passava exatamente o que pretendia. O que ele quis foi descrever o horror do pós-guerra, mostrando como destruíam mesmo os que sobreviveram.” (GILBERT, 1998, p. 117).

Através deste romance percebe-se como a Primeira Guerra foi sinônimo de um choque traumático, responsável por inúmeros transtornos, os quais manifestaram-se nos anos posteriores ao acontecimento. Muito próximo desta ideia, Remarque também constrói a sua crítica à Guerra e aos fatores que possibilitaram a sua realização, como o nacionalismo e o patriotismo exacerbados.

4.1 A CRÍTICA DA GUERRA

Sendo *O Caminho de Volta* mais uma obra de cunho pacifista, quase todas as histórias nela narradas transmitem uma visão crítica e negativa sobre a Primeira Guerra Mundial. O escritor não dá enfoque aos grandes acontecimentos do período pós-Guerra, como a Revolução Alemã, a queda do Imperador Guilherme II, ou a implantação da República de Weimar; mas destaca a trajetória daqueles que precisaram colocar suas vidas em risco, e até mesmo sacrificá-las nos campos de batalha. E a partir disso descreve e justifica o seu repúdio a qualquer conflito bélico, construindo uma memória traumática sobre o evento.

De acordo com Remarque, a Guerra representa uma imensa divisão nas vidas dos ex-combatentes. O seu futuro, os seus sonhos, as suas ambições, não foram apenas interrompidos durante estes anos, mas foram “roubados, dizimados”, pois não mais era possível acessar “os anos passados”, havia uma enorme barreira entre o antes e o depois da Guerra. Em um diálogo deste romance, Ernst se questiona sobre o assunto: “[...] terão queimado as pontes que me ligavam ao passado feliz?” (REMARQUE, 1978, p. 117). Em outra passagem, o tema é novamente abordado: “Entre mim e a infância interpôs-se o tempo como um fosso intransponível. Não posso voltar. Não existe mais nada.” (REMARQUE, 1978, p. 147). O evento é por ele considerado de tremenda catástrofe, assim sendo, dividiu fortemente as vidas desta geração de jovens soldados.

O escritor alemão conceitua a Guerra como um “submundo”, no qual não encontrava-se a vida, e que deixou grandes e profundas marcas nos seus protagonistas. Desta forma, a crítica sobre a Guerra é construída com base na ideia do Evento como agente arrasador da existência humana. Muito próximo desta ideia, Elias (1997), destaca que a Guerra não era algo “maravilhoso, glorioso”, assim como muitos jovens alemães acreditavam quando foram para os campos de batalha em 1914; mas ela foi terrível, “[...] um pavoroso morticínio”. Mas também desencadeou gigantescas mudanças no Estado e na sociedade alemã, e “A consequência foi um choque traumático.” (ELIAS, 1997, p. 169).

Desta forma a readaptação pós-Guerra consistiu em grandes desafios, pois quando ocorreu o armistício, o país tal qual eles conheciam já não existia mais, e os próprios soldados já não eram mais os mesmos. Constantemente, Remarque destaca as profundas transformações as quais estes jovens sofreram, provocando nestes, diversos efeitos prejudiciais, influenciando diretamente no processo de readaptação.

Mas antes de aprofundar a questão principal da presente monografia, é importante dissertar brevemente sobre a parte estrutural de *O Caminho de Volta*. Pode-se considerar esta obra como uma espécie de continuação, ou um segundo volume do romance *Nada de Novo no Front*, pois além de escrever sobre a vida dos quais estiveram nas frentes da Guerra, durante e após o conflito, frequentemente Remarque refere-se aos personagens de *Nada de Novo*, buscando mostrar que todos faziam parte do mesmo evento. Ernst, protagonista de *O Caminho*, mais de uma vez lembra e comenta sobre Paul Bäumer protagonista em *Nada de Novo*. Entre estes dois personagens tudo é muito semelhante, quando ambos estavam nas trincheiras, a imagem de um já pôde ser confundida com a do outro, no entanto, posteriormente, a vida e a morte os diferenciam a Guerra impediu que Paul retornasse vivo, enquanto Ernst teve esta “sorte”.

Mas estas semelhanças e diferenças nas trajetórias dos dois, fazem Remarque levantar diversas questões sobre os efeitos do combate naqueles que o viveram na pele. No texto analisado, inicialmente o escritor dá continuidade ao mesmo “clima” e contexto no qual desenvolveu a obra anterior. Nesta parte, os personagens ainda encontravam-se nos campos de batalha, e logo de início Remarque já descreve a Guerra com grande repugnância, enquanto entusiasmado comenta a expectativa em retornar para casa.

Neste segmento, o texto merece uma atenção maior em dois aspectos: o primeiro refere-se à expectativa em voltar para casa, muito próxima de uma ideia de retomar as vidas, e os sonhos de outrora. Percebe-se uma “idealização” do retorno, fato este, que posteriormente servirá para o romancista desenvolver o segundo aspecto, referente à grande decepção de voltar para a vida civil, na qual não encontraram mais o que esperaram por muito tempo. Com estes elementos citados, Remarque direciona a sua crítica à Guerra, desenvolvendo a ideia de que ela não apenas tirou as vidas de inúmeras pessoas como Paul Bäumer, mas também destruiu todos os sonhos de jovens como Ernst e como o próprio Erich.

Outros elementos voltados à crítica ao Combate, passam pela maneira como Remarque descreve os soldados. Essa descrição desconstrói a imagem romantizada do combatente como um sujeito forte, o herói da pátria, a qual compunha muitos discursos no período entre guerras. Erich retrata os soldados como sujeitos miseráveis, marcados pela violência, pela fome, e

repletos de melancolia: deste modo, “[...] o que exprimem é a tristeza, o abatimento, a nostálgica bravura, a morte.” (REMARQUE, 1978, p. 19). O romancista também os descreve como sujeitos fracos e sentimentais, opondo-se diretamente à figura do soldado bravo e forte.

Em 1933, Walter Benjamim em seu texto *O Narrador*, escreve sobre o fato dos soldados haverem voltado silenciosos dos campos de batalha. É interessante destacar que em 1931 Remarque também havia deixado tal fato registrado em *O Caminho de Volta*. O romancista transmite a ideia de que estes homens carregavam o peso dos anos de muito sofrimento, por isso voltaram homens silenciosos e de poucas palavras.

Constantemente, os que retornaram do *front* são comparados pelo escritor àqueles que na Guerra morreram. “Lá atrás, sob a gleba fatídica, ficou o exército dos mortos. De mortos é também este punhado de cadáveres ambulantes que passa pela estrada, a marchar. [...] Doentes, famintos, [...]” (REMARQUE, 1978, p. 19). Estes traços podem estar ligados à tese de que o Combate também destruiu os sobreviventes, e pode servir para “manchar” a imagem do “soldado-herói”.

Conforme Volker Jaeckel (2016), o romancista opõem-se à ideia de que a Guerra era uma espécie de mal necessário, ou uma fatalidade histórica com um teor de romantismo heroico. Deste modo, Remarque mostra uma outra face do soldado, muito diferente da imagem romantizada do corajoso herói: o combatente é representado como um frágil ser humano, assustado, neurótico e com medo. É importante lembrar que esta forma de representação se opõe diretamente à literatura pró-guerra, a qual buscava romantizar a violência e saudar os soldados com heroísmo.

Seguindo nesta mesma linha de pensamento, o romancista alemão também destaca o drama dos gravemente feridos e dos amputados. Diversas pessoas afetadas fisicamente nas batalhas inundaram as cidades nos anos após o conflito; muitas delas impossibilitadas de trabalhar por causa dos ferimentos, encontraram no período pós-Guerra gigantescos desafios para sobreviverem. Sobre este assunto, Lionel Richard comenta a situação na Alemanha: “A atmosfera mudara. [...] soldados desmobilizados erravam. Por vezes, defendiam-se como comerciantes improvisados. Vendiam clandestinamente bombons, cigarros, cartões postais.”, outros em maior situação de vulnerabilidade social, “[...] mendigavam, exibiam suas feridas de guerra. Incrível agrupamento de mutilados, de inválidos, de estropiados. Uns com muletas, outros cobertos de curativos.” (RICHARD, 1988, p. 48).

Ao longo de *O Caminho de Volta*, Remarque dedica algumas páginas para registrar as dificuldades dessas pessoas, às quais por ele são consideradas “[...] vítimas de um destino que os outros lhes criaram” (REMARQUE, 1978, p. 205). Nestes trechos, o romancista descreve

um protesto no qual reuniram-se as mais diversas pessoas marcadas fisicamente pela Guerra. Seu objetivo com esta cena, pode ser tanto chocar o leitor com a descrição detalhada desses indivíduos, como mostrar a irrelevância do tratamento heroico direcionado a eles. Sentimentos como nacionalismo e patriotismo também são interrogados: “Vagarosos, vem vindo rua afora um desfile de homens trajando os uniformes desbotados da frente de batalha. [...] erguem cartazes enormes: *Onde estás, pátria ingrata? – Os mutilados de guerra morrem de fome!*” (REMARQUE, 1978, p. 203).

Uma outra característica do romancista nesta obra é descrever os superiores do exército de forma desprezível, criticando as suas atitudes. Isso fica evidente em uma cena na qual o sargento Heel refere-se aos tempos pós-Guerra como “menos heroicos”; o comentário desperta o sentimento de repúdio por parte de um soldado raso, o qual em resposta ao sargento retruca: “O heroísmo começa, onde acaba a razão [...]”. Na sequência, o soldado expõe seu pensamento, afirmando que a Guerra não faz sentido, ela é uma loucura e questiona qual a razão disso. “O heroísmo de poucos, de um lado; a miséria de milhões, de outro! O preço é muito alto.” (REMARQUE, 1978, p. 38).

Muito similar ao que se sucedeu com Remarque após o armistício, em *O Caminho de Volta*, Ernst e alguns dos seus companheiros do *front* precisaram retomar os estudos para obterem o diploma de professor. Ao narrar este retorno, Erich aprofunda a sua crítica ao heroísmo: nesta passagem o diretor do colégio é o receptor destas palavras de repúdio. O fato ocorre durante a sessão de boas-vindas organizada aos ex-combatentes. Quando revê pela primeira vez seus antigos professores, Ernst percebe que não mais os vê como via outrora, quando acreditava neles, e os enxergava como detentores do conhecimento, no entanto, agora estes eram vistos por ele com certo desprezo.

Conforme Carlos Henrique Armani (2006), nas ideias de Remarque pode-se perceber o sentimento de “inutilidade” perante os textos e os pensamentos precedentes à Guerra, pois estes não conseguiram evitar a catástrofe. Semelhantemente, na visão de Ernst, todo o conhecimento oferecido pela escola tornou-se inútil com a experiência obtida nas trincheiras, para ele, agora os professores deveriam aprender com estes jovens.

Há uma profunda disjunção entre o que Remarque aprendeu na escola, e o que viveu na guerra. Se a concepção de mundo – otimista – que havia aprendido ruiu frente ao primeiro morto que tombou em sua frente, o aprofundamento da guerra e a multiplicação aos milhares desses mortos, fez de Remarque um homem que não via mais razão para lutar em nome de uma civilização. Era ela própria a responsável por esses males. Toda a cumulatividade da experiência civilizacional não serviu para nada, ou pelo menos não foi canalizada para os esforços de paz. Para quem poderia servir o progresso se ele não impediu o massacre de milhares de pessoas? (ARMANI, 2006, p. 92).

Dentro do contexto descrito anteriormente, o diretor faz o seu discurso, no qual: “Fala nos sobre os rasgos de heroísmo das tropas. Fala da estupidez da guerra. Fala da vitória. Fala da bravura dos soldados.”, em seu pensamento, Ernst contrapõe as palavras do diretor: “A coisa não era assim lá no *front*: nada de bonito, [...]” (REMARQUE, 1978, p. 93). Ao decorrer do discurso, com palavras poéticas, o diretor saúda a ausência do medo dos soldados, refere-se aos mortos como heróis cobertos de honra, e destaca a necessidade de união em defesa da pátria. Esta fala é absorvida pelos ex-combatentes com muita indignação, e na sequência é refutada por eles.

Desmontando o discurso de morte heroica, o personagem Willy, sobrevivente do *front* assim como Ernst, interrompe o diretor e conta detalhadamente como se sucederam as mortes daqueles soldados citados pelo diretor, com o objetivo de impactar e mostrar que não há nada de “glorioso” em perder a vida de forma extremamente brutal na Guerra.

“Morte heroica!” Sabem vocês o que é isto? Querem saber como morreu o pequeno Hoyer, nosso colega? Preso numa cerca de arame farpado, lá ficou pendurado um dia inteiro, gemendo e gritando, os intestinos saindo-lhe do abdome como fitas de macarrão. E neste estado foi ainda atingido por um estilhaço de granada que lhe arrancou os dedos da mão. E, duas horas após, outra granada fez-lhe em pedaços uma perna. E nosso companheiro continuava ainda vivo, procurando com a outra mão recolher para dentro da barriga as tripas que tombavam para fora. Finalmente, só à noite veio a morrer. Quando conseguimos lá chegar, noite alta, seu corpo estava todo furado de balas como um ralo. Vão agora contar à mãe dele como seu filho morreu, se tiverem coragem! (REMARQUE, 1978, p. 94).

O protesto de Remarque, em oposição a qualquer conflito bélico, passa por esta construção detalhada de como o ser humano pode ser levado a cometer tremenda brutalidade em defesa do que acredita-se ser “algo maior”, como no caso da ideia de pertencimento à uma nação. Descrever o conflito com todo o horror, o medo, a miséria, a fome, a sujeira, pode não apenas significar um posicionamento oposto à Primeira Guerra Mundial, mas servir de “alerta” para que tamanha crueldade jamais aconteça novamente, e seja justificada como foi com esta Guerra. Prestar culto aos mortos no evento, transformá-los em heróis, é reforçar a “máquina de guerra”, por isto não pode-se alimentar este discurso. O romancista quer mostrar como é necessário fazer a razão prevalecer diante da emoção, impedindo que discursos nacionalistas novamente arrasem a existência humana de milhões de jovens¹⁹.

¹⁹ A partir desta pesquisa percebe-se que esta forma de Remarque referir-se às questões do nacionalismo faz dura oposição aos movimentos do nacional-socialismo alemão, o qual estava ganhando espaço dentro da Alemanha entre Guerras. O fato estava muito presente nos anos que o romancista escrevia *O Caminho de Volta*. Por isso analisa-se este romance não apenas como uma crítica à Guerra e ao nazismo, mas também como um “alerta” para que a catástrofe não se repita.

Alguns pontos tratados até aqui na presente monografia, bem como o comportamento de Remarque após o evento traumático, também podem ser analisados a partir de Sigmund Freud, justamente, pela sua proximidade com estas questões em torno da Primeira Guerra Mundial. Para o exército manter-se coeso, diz Freud (2017) em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, é necessária uma ligação emocional entre os membros do mesmo. Nesse sentido que percebe-se a total falta de interesse de Remarque pela Guerra, pois estas ideias não lhe faziam sentido. No entanto, ao retornar do Combate, o escritor sentia-se desconfortável com a dissolução do grupo formado, pois, conforme já comentamos anteriormente, estes já não eram mais os mesmos de antes, e nem a sociedade era a mesma que conheciam anteriormente, quer sejam soldados rasos, quer sejam comandantes. Com a ausência dessas ligações emocionais, muitas vezes motivadas por patriotismo e exaltação nacional, a massa fragmenta-se, ocasionando o fim da ligação existente entre os indivíduos dela.

Ainda conforme Freud (2017), algo importante de se notar sobre a formação de uma massa é que as personalidades individuais são suprimidas em prol de uma identificação de todos os sujeitos da mesma. Para isso, é necessária a constituição de uma intensa afetividade entre os envolvidos, não importando os gostos e necessidades pessoais de cada um, dando preferência à vontade geral. Possivelmente, por isso que há uma dificuldade tão grande de readaptar-se à vida normal do pós-guerra, pois os combatentes tornaram-se outras pessoas a fim de incluírem-se na massa, e posteriormente encontraram dificuldades de serem eles mesmos.

No mesmo sentido de Freud, percebe-se em algumas colocações de *O Caminho de Volta*, a dificuldade de retomar a vida civil. É de suma importância observar que neste ponto surge um sentimento de nostalgia sobre a Guerra. Isso ocorre porque no *front* todos os soldados rasos sentiam-se “iguais”, e também faziam parte de uma massa coesa, na qual havia compreensão entre os indivíduos próximos. Quando estes voltaram a conviver com os civis, esta massa foi dissolvida, cada indivíduo ficou “sozinho”, aqueles que não estiveram nas frentes jamais entenderiam o tamanho do trauma deixado pelo evento. E por outro lado, na sociedade, estes antigos companheiros já não eram iguais, as diferenças sociais sobrepuseram-se à igualdade formada pelo exército.

Neste sentido, a professora Márcia Motta dialoga com alguns elementos presentes no romance, para ela: “A proximidade com a morte unia os soldados e eliminava as diferenças de classe. A hierarquia social era substituída pela hierarquia fundada na coragem física e na integridade.” (MOTTA, 2011, p. 246).

O romancista utiliza todos estes elementos para desenvolver o seu discurso sobre a árdua retomada da vida no pós-Guerra, mas o intrigante está em algumas das suas colocações, as quais

são até mesmo opostas à sua mensagem pacifista, como percebe-se no trecho abaixo: “[...] E se me disseres cem vezes que ainda odeias a guerra, eu te responderei que então é que vivíamos! Porque estávamos unidos.” (REMARQUE, 1978, p. 163). Mas tudo isso está em paralelo com o sentimento da Guerra estar extremamente “infiltrada nos ossos” de cada ex-combatente, e esta experiência traumática os acompanha e não possibilita qualquer fuga, por mais que se esforcem para esquecer ou simplesmente conviver melhor com as memórias, isto sempre se impõe como um grande desafio. Neste sentido, Seligmann-Silva aponta que:

A memória procura sempre apaziguar os conflitos, fechar as feridas, restaurar as ruínas, silenciar as dores; ela tem compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstruir uma vida, um futuro, e isso por mais que ela conte das dores e das feridas. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 134).

4.1.1 O descaso no pós-Guerra

A crítica de Remarque sobre a Primeira Guerra Mundial também está diretamente ligada aos acontecimentos posteriores, os quais foram reflexos deste evento. O escritor opõe-se duramente diante do descaso para com antigos soldados das linhas de frente, mostrando que estes não foram tratados de forma digna ao retornarem. Ele deixa claro como a experiência foi ainda mais desmoralizante diante da derrota alemã, e da falta de reconhecimento dos esforços prestados no *front*. Nessa perspectiva, a sua crítica é direcionada à falta de apoio e reconhecimento não apenas por parte dos governantes e demais autoridades, mas também por uma fração da sociedade.

Em *O Caminho de Volta* um acontecimento chama a atenção para uma melhor análise destes fatos. Neste, o ex-combatente Albert é condenado a prisão por matar um civil, já após ter retornado do *front*. No entanto, o detalhe mais importante está diante da naturalidade com a qual ele cometeu o crime. Com isso o romancista levanta diversas questões: qual a diferença de matar na Guerra e matar na sociedade? Por que um ato não se compara ao outro? Por que condenam estes jovens quando deveria condenar a Guerra? Mas sobretudo, Remarque deixa claro o descaso com estes indivíduos, e com as palavras do personagem Willy, mostra o que poderia ter sido feito para ajudá-los a retomar suas vidas.

Que foi que vocês fizeram por nós, quando voltamos da linha de frente? Nada. [...] Fizeram discursos bonitos enaltecendo a vitória. Ergueram monumentos. Exaltaram os heróis. E alijaram de si toda responsabilidade. O que deveriam ter feito era ajudar-nos. Em vez disso, deixaram-nos sozinhos. E no momento pior, exatamente quando procurávamos de novo nos reencontrar. [...] deveriam ter dito: “Erramos tragicamente. Vamos agora de mãos dadas começar a reconstrução. Coragem! Sabemos que para os

senhores, ex-combatentes, será tudo muito mais difícil, porque ao voltarem, não encontram nada com que possam reiniciar. Tenham paciência!” Isto é que deveriam ter dito. Deveriam de novo ter nos mostrados os caminhos da vida. [...] Mas não! Vocês nos abandonaram à nossa sorte. (REMARQUE, 1978, p. 246-247).

Para aquela parte da sociedade que não esteve nas frentes de batalha, Remarque define a Guerra como um “acontecimento inexplicável”, no sentido desta ser incompreensível sem a experiência direta no evento. O romancista transmite a ideia de que a sociedade não conseguia assimilar a miséria das trincheiras como “algo verdadeiro”, pois ficavam atônitos ao simplesmente ouvirem sobre os ratos, sobre a lama e os piolhos. Assim sendo, estes indivíduos jamais poderiam entender tamanho ultraje aliado à toda brutalidade dos conflitos, ou seja, não compreenderia o que significou estar no *front*.

Semelhantemente, é possível perceber como Remarque teve muitas dificuldades em readaptar-se na sociedade após a Guerra, e isso o levou a um comportamento considerado excêntrico para a vida civil. A desaprovação do Combate também está relacionada com sua difícil reinserção, a qual é perceptível nesta obra, pois os personagens que estavam no *front* possuem as mesmas características peculiares do romancista. Por longos anos estes jovens precisaram esquecer os “bons costumes”, e aprenderam a matar e a sobreviver diante das piores situações, e quando voltaram, o comportamento dos últimos anos também não era aceito dentro da sociedade. Neste sentido, Hobsbawm (1995) destaca o fato de muitos ex-oficiais militares de classe média haverem alcançado o auge da realização pessoal durante a Primeira Guerra Mundial, em contraponto, as suas vidas civis após o armistício transformaram-se em “decepcionantes vales”.

Em *O Caminho de Volta* observa-se este grande dilema enfrentado, alguns ex-combatentes buscaram uma saída opondo-se a qualquer conflito bélico, enquanto outros continuaram na carreira militar, fazendo desta, uma forma de aceitar ou lidar de um jeito mais ameno com as transformações provocadas pela Guerra. Seguindo na linha de pensamento de Hobsbawm (1995), nota-se que muitos antigos soldados das linhas de frente da Primeira Guerra tiveram um papel importante na mitologia dos movimentos nazistas. Os que estavam ressentidos das suas oportunidades de heroísmo esquecidas após a derrota alemã, viram nos grupos da direita radical uma possibilidade de “liberar” a “brutalidade latente” adquirida com a Guerra.

4.2 A CRÍTICA AO NAZISMO

Através da pesquisa aqui realizada, é possível afirmar que Remarque nunca deixou explícito o seu posicionamento político em *Nada de Novo no Front* ou em *O Caminho de Volta*. A biografia utilizada para esta monografia também não faz grandes menções sobre o assunto, é apenas em uma citação, provavelmente retirada de algum diário de Erich, que Gilbert (1998) evidencia a possibilidade dele estar muito próximo dos ideais democráticos, pois neste comentário, o romancista elucida sua estadia nos Estados Unidos pelo fato de ser democrata, mostrando também a desconfiança das pessoas em seu redor por ele ser alemão.

Mas, através de algumas menções em *O Caminho de Volta*, observa-se o seu repúdio aos movimentos nazistas, e também a Revolução Espartaquista, Isso é perceptível no romance em diversos e distintos momentos: percebe-se a partir de uma reflexão do personagem Ernst em um jantar, no qual os demais participantes dialogam a respeito da necessidade de continuar a Guerra, enaltecendo também a ideia de morrer pela pátria. Nestes parágrafos através de Ernst, Remarque demonstra grande indignação com a “idealização” do Conflito, fato que aparentemente para ele provoca uma “cegueira” diante das atrocidades do evento.

A pequena distância de mim, está discorrendo o advogado. Fala, fala, fala. No momento, está explicando que, se a guerra tivesse durado mais dois meses, tê-la-íamos ganho. Tive vontade de interrompê-lo, pois qualquer de nós, soldados, sabia que nem munição tínhamos mais, nem gente. Frente a ele, uma dama está contando como seu marido tombou pela pátria na guerra... e pelo modo entusiasmado como o narra, parece que quem morreu foi ela, não ele. (REMARQUE, 1978, p. 87).

Durante a mesma cena, Remarque também fornece alguns elementos que possibilitam uma reflexão sobre o seu posicionamento político diante da ascensão do nazismo na Alemanha entre guerras: “Ódio daquela gente, toda empavonada, cada qual mais envaidecido de suas próprias palavras. Ódio de todo esse mundo alheio à realidade, preso a suas preocupações mesquinhas, [...]”, nessa perspectiva o autor continua: “[...] esquecido de tudo, como se já nem tivessem existido aqueles anos de guerra, onde nosso único dilema era: viver ou morrer.” (REMARQUE, 1978, p. 88). Reforçando o seu repúdio, Remarque também utiliza diversas palavras pejorativas ao referir-se àqueles que exaltam o evento e fecham os olhos para a crueldade nele existente.

Em *O Caminho de Volta*, Remarque também direciona a sua crítica a Revolução Espartaquista. Para ele, a Guerra havia exaurido demais os ex-combatentes, (transmitindo a ideia de uma Alemanha cansada para outro combate), para poderem empreender uma revolução, desde modo, não havia qualquer força para lutar em outro conflito, como o proposto pelos

espartaquistas. Claramente o romancista opõe-se a esta tentativa de revolução, a qual buscou aproveitar-se do descontentamento da sociedade alemã com a Guerra, para desencadear a revolução. Nesta passagem percebe-se uma clara manifestação do seu posicionamento pacifista, o qual, o levou a opor-se a qualquer conflito bélico, bem como a Guerra Mundial, a Revolução Alemã, e também aos ideais nazistas, justamente pelas suas características nacionalistas e militaristas.

Sobre as opiniões políticas do romancista, Gilbert (1998) ainda destaca que foi, sobretudo, no romance *Centelha de Vida*, lançado após a Segunda Guerra Mundial, no qual o escritor expressa com maior clareza sua oposição ao nazismo e ao comunismo, sendo considerado pela autora um pacifista sem filiação política. Ainda conforme Gilbert, esta forte aversão pode estar relacionada diretamente com o ocorrido com a sua irmã Elfriede, condenada e morta pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Para Hans Wagener, “Remarque estava bem ciente do fato de que, ao matar sua irmã [...], os nazistas demonstraram que na verdade pretendiam matá-lo.” (apud, GILBERT, 1998, p. 312).

4.2.1 A juventude à mercê do nazismo

Sabe-se que a experiência adquirida por Remarque durante a Primeira Guerra marcou profundamente a sua vida. Deste modo, o romancista salienta como é importante lutar contra o que pode levar a nova geração para este mesmo caminho. No mesmo sentido, ele também vê a juventude como uma parte “pura” da sociedade, a qual está à mercê tanto das influências nazistas, como das influências opositoras. De certa forma, para Remarque isso torna-se assustador, pois por um lado, esta “pureza” não protege a juventude dos discursos nazistas, mas por outro, isso também a possibilita traçar um caminho distinto da geração anterior.

No livro aqui analisado, o escritor deixa às claras a sua preocupação com a geração jovem durante o período entre guerras, e isso é observado no fato de que, assim como Remarque, Ernst vai lecionar numa aldeia distante da cidade, e após algum tempo desiste de exercer a profissão de professor. O protagonista narra suas impressões sobre a juventude, e chega à conclusão de que ele não é um bom exemplo para a nova geração, pois a experiência da Guerra ainda o acompanhava, e para ele, não haveria nada para ensinar além do horror do evento.

Aquí, na frente de vocês estou eu, um sujo, um culpado! Gostaria de pedir-lhes: permaneçam tais quais são! Não permitam que a luz ardente da infância se perverta em labaredas de ódio! O sopro da inocência paira ainda em suas frentes! Como posso

eu pretender ensinar-lhes algo? [...] Se me seguem ainda as sombras sangrentas do passado? Como ousarei aproximar-me de vocês? (REMARQUE, 1978, p. 192)

Nesta mesma cena, Remarque também deixa evidente a presença das agitações favoráveis a uma nova guerra, e expressa o seu medo diante da possibilidade de tamanha catástrofe ocorrer novamente. Isso é perceptível quando Ernst comenta sobre a irrelevância do conhecimento oferecido na escola, sendo que esta geração poderia ter o mesmo destino da sua. “Devo, acaso, dizer-lhes que, dentro de vinte anos, vocês também estarão mutilados, tolhidos em seus anseios mais espontâneos, impiedosamente tratados como coisas?” (REMARQUE, 1978, p. 191).

No entanto, é em uma das últimas cenas do romance na qual observa-se como Remarque estava “ligado” aos fatos da época, pois nesta passagem, ao narrar uma nova mobilização da juventude em prol dos interesses nacionais, ele escreve que “a história recomeça”. O fato ocorre durante um tranquilo passeio pelos campos realizado pelos antigos soldados do *front*, quando deparam-se com um grupo de jovens marchando em trajes militares; por acharem aquele movimento ridículo, os ex-combatentes são ameaçados, acusados de traidores e inimigos da pátria, são xingados de vagabundos e pacifistas, e acusados de serem bolchevistas. A representação do grupo transmite uma imagem crítica e negativa dos movimentos nazistas, e da sua lógica de militarização política da vida social alemã, pois mesmo não sendo identificado como tal, possui muitas semelhanças com o nazismo, tantos nas suas vestimentas como nos seus discursos de ódio.

Remarque também transmite a ideia da insignificância destes movimentos, os quais são tachados como ridículos e irracionais, pois para ele, não faz sentido a sociedade “cair” na mesma armadilha dos discursos pomposos após a catástrofe da Primeira Guerra. Desde modo, ao ridicularizar os movimentos nazistas, o romancista está expressando o seu desprezo pela retórica de ódio, militarista e nacionalista, propagada por este grupo.²⁰ Neste sentido, mesmo de forma simples Ernst levanta uma importante questão sobre o tema: “A gente aqui dando graças a Deus por ter escapado vivo e com o corpo ainda chamuscado daquele inferno... Como é possível que haja homens capazes de organizar uma palhaçada destas?” (REMARQUE, 1978, p. 256).

Tendo como base a possibilidade do (gênero literário) romance falar mais sobre o período no qual foi escrito, do que nos informar sobre o tempo nele narrado. É de suma

²⁰ É de suma importância lembrarmos que este desprezo e a ridicularização do nazismo, vai gerar um espaço político a estes extremistas, os quais alcançarão algum sucesso político.

importância aplicar estas informações na análise de *O Caminho de Volta*, a partir disso, percebe-se não apenas a oposição de Remarque à Primeira Guerra, mas também o seu repúdio diante da ascensão nazista no final da década de 1920 e início da década de 1930. Através da obra, também pode-se supor que o romancista temia uma possível “repetição” da tragédia ocorrida entre 1914 e 1918, pois nota-se constantemente a contestação aos movimentos e aos discursos de patriotismo e nacionalismo exacerbado.

4.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA TRAUMÁTICA

Buscando aprimorar a presente pesquisa, torna-se indispensável discorrer alguns parágrafos com o objetivo de melhor entender o que é o trauma²¹, sobre quais podem ser os seus agentes causadores, e como ele se manifesta.

Neste sentido, os textos de Seligmann-Silva tornam-se indispensáveis, pois o autor nos mostra que para Freud: “A experiência traumática é, [...] aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Os exemplos de eventos traumáticos são batalhas e acidentes: o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos.”, o autor ainda destaca: “A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma *forma* no ato da sua recepção.”, desse ponto, “[...] Freud destaca a repetição constante, alucinatória, por parte do ‘traumatizado’ da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um desencontro com o real [...]”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48-49).

A personalidade de Erich Maria Remarque está muito envolvida com a experiência traumática causada pelo testemunho da Guerra, e conseqüentemente, muito expressada nos seus trabalhos literários. Em *O Caminho de Volta*, frequentemente percebe-se esta “resistência à compreensão” dos fatos violentos. Nos personagens do romance, encontra-se um turbilhão de sentimentos distintos, os quais vem à tona constantemente de forma incontrolável e sem qualquer explicação plausível. Mas todos estes sentimentos estão ligados ao testemunho do Conflito, e remontam aos fatos que não conseguem ser facilmente compreendidos.

Uma importante característica da obra de Remarque, a qual pode ser aqui melhor analisada, é o fato do romancista ser bastante repetitivo em vários quesitos referentes à experiência na Guerra. Isto pode ser considerado uma hipótese de que esta repetição é um reflexo da experiência traumática, desencadeando o constante reviver da situação.

²¹ Conforme Seligmann-Silva (2003), traduzido do grego, trauma quer dizer ferida.

Para Freud (2018), a partir da experiência traumática ocorre um fenômeno conhecido como compulsão à repetição, que consiste em a pessoa tentar reviver a situação do momento do trauma. Esse mecanismo é bastante dolorido ao “eu”, já que são experiências que o mesmo não consegue lidar, vivências essas, muitas vezes “realcadas²²” no inconsciente. Porém, a pessoa não consegue acessar tudo o que nela está recalcado, e ao invés de perceber o trauma como algo do passado, o repete em algo novo do presente. Além de todas estas manifestações psíquicas, também pode desenvolver-se o que foi descrito como “neurose traumática” (ou neurose de guerra), que se desenvolve a partir de um grande perigo de morte, resultando em sintomas físicos e psicológicos.

É de suma importância destacar que estas experiências também estão evidentes em *O Caminho de Volta*. Assim, torna-se possível supor que o personagem Ernst dá vazão ao trauma deixado pela Guerra no escritor, pois a sua experiência no evento o impede de retornar a vida de outrora, e o transformou num indivíduo extremamente perturbado pelo passado, que insiste em repetir-se de forma diária e constante na sua vida. Ernst também não representa apenas Remarque, e a sua experiência nas trincheiras e nos anos entre guerras, mas simboliza toda uma geração de jovens afetados pelo trauma do conflito. Com base nestas colocações, pode-se perceber que através de Ernst a memória da Primeira Guerra Mundial é narrada como um trauma, como uma grande ferida, a qual persiste aberta e latejante também nos anos entre as guerras.

4.3.1 A manifestação da memória traumática durante os sonhos

Para aprofundar a análise, segue-se na linha de pensamento de Freud (2018), segundo o qual, muitas vezes a vivência do trauma mostra-se através da repetição da cena nos sonhos, manifestações claras do inconsciente, de que a pessoa estaria condicionada psiquicamente no trauma. Semelhantemente, como foi apontado no capítulo anterior da presente monografia, as memórias da Guerra se manifestavam constantemente nos sonhos de Remarque, e o fato de escrever sobre o evento foi uma forma por ele encontrada para melhor lidar, e buscar superar o trauma.

Em outro momento de sua vida, o romancista buscou voltar ao momento do trauma como numa tentativa de melhor entendê-lo. Conforme Gilbert (1998), uma das lembranças mais

²² Para Freud o recalque é afastar algo do consciente, é uma forma de negação das emoções, das ideias e das memórias.

traumáticas dele se deu durante o ataque inimigo, enquanto ele estava deitado na trincheira: quando sonhava com a Guerra era esse momento o qual ele revivia. Então, como numa tentativa de encarar e superar o trauma, mais de dez anos após a Guerra, Erich e sua amiga Vitória Wolff recriaram uma trincheira no jardim da casa dela. O fizeram ao levar para lá todo o conforto possível: travesseiros, cobertores, lanternas, copos e garrafas, pois era o que Remarque queria, com todo o conforto possível, numa trincheira no jardim, e alguém disposto a ouvi-lo.

Em *O Caminho de Volta*, algo semelhante é representado, muito provavelmente o fato expressa a ânsia do romancista em buscar alguma explicação nas origens do problema. Assim, o personagem Georg Rahe, anos após o final da Guerra vê a necessidade de retornar ao local das trincheiras. Este ato teve o principal objetivo de “rever” a cena do trauma mesmo que isso não fosse mais totalmente possível. Mas mesmo assim ele regressa, como numa tentativa de reencontrar o passado lá perdido, ou obter maior clareza sobre a experiência.

Como anteriormente já foi destacado, nos anos após a Guerra, Remarque teve o sono perturbado pelas memórias do conflito. Neste sentido, pode-se supor que através do personagem Ernst o romancista pôde expressar os seus sentimentos em torno dos seus próprios sonhos. O personagem chega a falar que cada vez que isso acontece, (que ele sonha com a Guerra), as sensações mais perturbadoras o assombram novamente como se mais uma vez aquele instante estivesse sendo vivido. O sono é conceituado pelo escritor como um “mergulho num abismo sem fundo”, e há também o sentimento de medo em dormir, pois claramente é neste momento que as lembranças retornam com maior clareza, tornando-se extremamente assustadoras.

Ao escrever sobre os sonhos, além de muita angústia e desespero, percebe-se a repetição da mesma cena de modo perturbador. Exemplo disso é quando Ernst sonha com uma batalha frente a um soldado inglês, o qual ele mata ao lançar uma granada, mas ao retornar à sua trincheira, o morto está lá outra vez; a partir de então, Ernst não consegue mais o matar, ao lançar novas granadas, todas falham, e assim, o inglês o persegue. Neste ponto, Ernst não consegue mais fugir, nem encará-lo, e o sofrimento só diminui quando desperta do sono. Estas cenas são descritas de forma detalhada, deste modo, possuem a capacidade de nos transmitir grande angústia, pois nelas estão evidenciadas, de um lado a impotência de reação do ser humano diante do tamanho deste evento, e do outro lado sua dificuldade em lidar com o ocorrido, mesmo com o passar dos anos.

Em outro momento, Ernst lembra-se das trincheiras ao ouvir os ruídos da sua casa, e por um instante, antes mesmo de conseguir dormir profundamente, a sua mente é inundada pelas memórias do trauma, tornando-se confusa entre o passado e o presente.

Deito-me no sofá. [...] Quase adormecendo, sinto embaralharem-se me os pensamentos. Entre a vigília e o sono. Cansaço, Sombras. No fundo de meu cérebro, entoam canhões longínquos. Granadas esfuziam. Rebates e alarmes anunciando um ataque com bombas de gás. Porém, antes que me dê conta de mim, a escuridão recua, sem ruídos, desfaz-se a terra onde me grudara. A tudo sucede uma sensação tépida e lúcida. Sinto o sofá onde realmente estou estirado. Respiro aliviado: estou realmente em minha casa. O som que antes tomara como sinal de alarme dos gases asfixiantes é apenas o tilintar de utensílios e vasilhas que minha mãe vai arranjando cuidadosamente sobre a mesa. (REMARQUE, 1978, p. 109).

Outro fato importante de ser observado, refere-se à forma como o protagonista²³ convive com estas situações. Exemplos disso são as maneiras diferentes de lidar com a experiência da Guerra. Ernst comenta que nas trincheiras dormiam mesmo sob intenso barulho, tamanha a exaustão dos combatentes; já ao retornarem do conflito, estranhavam o silêncio, ele inclusive os perturbava, o que mostra como a vivência dessa experiência se tornou costumeira a eles. Semelhantemente, a inatividade após o evento proporcionava um tempo maior para que se manifestassem os “pensamentos” sobre a catástrofe. Desta forma, o romancista destaca o sono como o momento auge da inatividade, e mais propensa para a manifestação das terríveis memórias. “A noite é para mim cheia de gemidos e gritos, cheia de quadros estranhos e estranhas visões do passado. Cheia de perguntas e respostas.” (REMARQUE, 1978, p. 67).

4.3.2 A narrativa da memória traumatizada

Remarque conta a história de pessoas que procuravam a si próprias mas não conseguiam mais se “reencontrar” após a Primeira Guerra Mundial. Buscavam reaver a sua humanidade, mas os seus maiores empecilhos para tal feito estavam neles próprios. Com esta perspectiva, Ernst comenta: “Procuramos, procuramos tanto! E sempre nos perdemos e extraviamos. Perseguimos um objetivo e acabamos tropeçando em nós mesmos.” (REMARQUE, 1978, p. 233).

Semelhantemente, todos os personagens do romance que em algum momento estiveram no *front*, depararam-se, durante os anos posteriores, com algum obstáculo, algum reflexo do Combate. Todos estes tentaram buscar alguma saída alternativa para tais questões, e neste ponto, Remarque novamente chama a atenção para a falta de reconhecimento dos serviços prestados, reclamando do abandono que segundo ele, deixou tudo ainda mais difícil.

²³ Remarque também pode ser considerado este protagonista, pois acreditamos que o seu romance diz muito sobre a forma como ele próprio lidou com as situações durante o pós-Guerra.

Neste sentido, Seligmann-Silva (2008) destaca a narrativa do trauma como uma ferramenta que pode auxiliar o indivíduo traumatizado a derrubar os obstáculos impostos pelo acontecimento. “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66). Como já se observou anteriormente, *O Caminho de Volta*, assim como *Nada de Novo no Front*, inicialmente tiveram este propósito no ato de escrever, uma tentativa de Remarque libertar-se da experiência traumática, elaborando um novo real para quem ele se tornara.

Analisando o romance como uma obra literária de testemunho do evento traumático da Primeira Guerra Mundial e da readaptação conturbada entre as guerras, percebe-se dois elementos importantes destacados por Seligmann-Silva (2003): o primeiro refere-se à necessidade de narrar a experiência adquirida no evento, e o segundo consiste na dificuldade de expressar em palavras os fatos vividos.

Já, por outro lado, refletindo sobre o trauma como algo que resiste à compreensão do real acontecido, depara-se com a complexidade em torno da narrativa destas ocorrências. Buscando explicar estas questões, Seligmann-Silva (2008), citando Primo Levi, destaca o fato deste haver escrito sobre a “impossibilidade do testemunho” dos eventos catastróficos, afirmando que as narrativas partem dos quais puderam manter-se não tão próximos dos acontecimentos.

Observando esta colocação, aliada ao que Benjamin (1987) escreve sobre o silêncio dos ex-combatentes, é possível levantar uma questão sobre o fato de Remarque haver conseguido escrever sobre a experiência nas trincheiras. Neste sentido surge a seguinte hipótese: o fato dele não haver combatido nas linhas de frente, e também não ter estado nas trincheiras por um longo período, podem ter sido decisivos para que nos anos posteriores a literatura se apresentasse como uma possibilidade plausível de “libertação” da experiência traumática.

O romance de Remarque aqui analisado também evidencia essa “impossibilidade” de narrar os fatos do evento, e através de Ernst, o escritor mostra que os antigos soldados não encontravam as palavras para expressar o que experienciaram. Nas colocações de Erich, não há uma forma de explicar o inexplicável, ou ser de fácil compressão. “Tudo muito confuso dentro de mim. Das coisas do *front* não queria falar com civis: não compreenderiam.” (REMARQUE, 1978, p. 55). Na mesma linha de pensamento Armani (2006) levanta algumas questões referentes à literatura do ex-combatente:

Como construir uma representação da guerra, se os fatos esgotaram o homem? Que sentido de realidade poderia ser construído a partir dessa experiência traumática, se a própria abstração não parecia mais fazer muito sentido? Remarque parecia

testemunhar não somente tal falência representacional, mas, ainda mais, a morte do ser ou a sua relação radical com o tempo, o seu ser-aí, as suas circunstâncias, o seu ser-para-a-morte. Como encontrar novamente o fundamento, num mundo de indiferença e superficialidade, um mundo em que se rompeu definitivamente o cordão com o passado, onde a paisagem da juventude era apenas uma passagem, a passagem de viajantes que não tinham mais qualquer morada no espaço e no tempo, uma passagem para o nada? (ARMANI, 2006, p. 97).

A partir de *O Caminho de Volta*, observa-se que a construção da memória como um trauma não está ligada apenas à experiência nas trincheiras, mas também aos reflexos deste evento. Ou seja, o trauma causado pela Guerra não cicatriza no pós-Guerra, mas pelo contrário, a ferida ganha proporções ainda mais profundas diante do descaso desta época. Por mais que o tempo no qual ocorriam os confrontos vai ficando para trás, e semelhantemente estes antigos soldados já não precisam mais preocuparem-se diariamente com o perigo entre a vida e a morte; o pesado fardo das memórias marcadas pela catástrofe continua acompanhando-os, e isto é narrado por Ernst: “Tudo vai ficando para trás. O mundo dos abrigos e trincheiras, as sepulturas dos companheiros, as trevas, a tristeza, um turbilhão de coisas que não consigo esquecer.” (REMARQUE, 1978, p. 44).

Neste romance percebe-se no mínimo três formas distintas de representar a memória do trauma, mas que estão diretamente relacionadas entre si. A primeira refere-se ao modo como a experiência traumática se manifesta no dia-a-dia durante a vida de Ernst; a segunda consiste na representação da Guerra como a causadora de uma enorme ferida num grande contingente de pessoas, as quais por ela foram de uma forma ou de outra atingidas; e a terceira está ligada à uma memória traumática da experiência total do Evento, a qual não refere-se apenas as singularidades, mas também, aos efeitos provocados na estrutura do Estado alemão.

Os exemplos da manifestação do trauma no cotidiano são encontrados em praticamente todas as cenas do romance, no entanto aqui destaca-se um em específico, no qual Ernst busca realizar novamente as atividades praticadas antes da Guerra, mas as memórias o impedem de sentir as sensações prazerosas dos tempos de paz. Neste sentido, Remarque narra um momento no qual Ernst passeia pelos campos, e pesca num antigo lago, assim como fazia na sua infância, mas o objetivo deste passeio é tentar “resgatar” o seu passado. Nestas cenas o romancista usa um viés comparativo, sempre mostrando como era antes do evento e como é depois. Assim, os mesmos campos não são mais vistos da mesma forma após a experiência traumática, Ernst não consegue observar a beleza das paisagens, mas acaba sempre vendo o terreno como um local propício para a construção de trincheiras e para o desencadeamento de batalhas. Conforme Remarque, o “velho fantasma da guerra” continua sempre presente, impossibilitando o acesso à “alegria” de outrora.

Ao narrar as memórias do evento, Remarque deixa evidente a atualidade deste, nesta perspectiva, a Guerra não é para ele um fato que ficou no passado, mas sim, ela continua infiltrada na sociedade alemã. O trauma deixado por estes anos impossibilita o retorno da paz, deste modo, isso não torna o período entre guerras mais pacífico, mas sim, faz desta uma época de grandes problemas e grandes desafios.

4.3.3 O trauma entre as guerras

Através de *O Caminho de Volta*, pode-se observar, que Remarque percebia a Primeira Guerra Mundial como um evento catastrófico, causador de muita miséria e muito sofrimento, tanto durante como depois do seu término. Além de evidenciar uma grande ruptura com os anos pré-1914, a sua obra não parte apenas da carga de experiência nos campos de batalha, mas também das experiências dos anos entre guerras.

Deste modo, o romance evidencia como o conflito bélico “criou” uma geração de pessoas neuróticas, assustadas, profundamente traumatizadas com a experiência da guerra por trincheiras. Pode-se observar que o escritor pretende mostrar como os antigos soldados, muitas vezes passaram despercebidos durante os anos entre guerras, principalmente nos casos dos quais não possuíam qualquer ferimento visível. No entanto, quanto a eles também havia uma grande necessidade de atenção diante dos problemas relacionados ao trauma, atenção que em sua maioria fora negada durante os anos que separaram as guerras mundiais.

Conforme observou-se anteriormente, o “fantasma” da Primeira Guerra continuava assombrando as vidas dos ex-combatentes anos após a catástrofe, e semelhantemente, as marcas do evento continuavam também presentes no Estado alemão. Neste sentido, pode-se refletir com base no texto de Remarque, que a Guerra é sinônimo de um trauma, não apenas por haver “marcado ou machucado” psicologicamente seus protagonistas, mas também por gerar inúmeros “problemas” tanto nos setores do Estado como da sociedade. Deste modo torna-se possível retomar a questão referente àqueles que tornaram-se inválidos a partir do conflito, e a partir desta, consegue-se refletir como este fato gerou a necessidade da implantação de políticas públicas, as quais deveriam auxiliar tais indivíduos. Mas na ausência e na precariedade destas políticas, surgiram agremiações que reivindicavam melhores condições para os grupos afetados, bem como, os mutilados, os feridos, e os de familiares dos mortos no combate.

Nesta linha de pensamentos percebe-se que o romancista está à par das dificuldades do pós-Guerra, tais questões são levantadas por ele em *O Caminho de Volta*. Mas, sobre o tema, duas passagens específicas chamaram maior atenção: na primeira cena, Remarque representa o

drama das pessoas que precisavam enfrentar o racionamento de alimentos após a Guerra, nela, uma mulher infringe a regra e é duramente reprimida por um guarda; neste instante, indignada ela questiona: “Então foi para isso que meu marido morreu na guerra? Para meus filhos passarem fome?” (REMARQUE, 1978, p. 132). Na segunda cena, Remarque descreve uma manifestação pacífica realizada por feridos e inválidos, na qual o escritor detalha as marcas visíveis nestes indivíduos, evidenciando os seus objetivos, para além de chocar o leitor, Erich pretende mostrar os efeitos catastróficos em decorrência da Guerra, destacando o abandono, o sofrimento e a miséria por ela causada. Referindo-se à um grupo de cegos ele comenta:

Obstinados e tristes, seus pensamentos vão contando os mirrados níqueis de que precisam para comprar o pão, para se tratar, para viver – e que, entretanto, não possuem. Nas câmaras escuras de seus cérebros entrechocam-se a miséria e a fome. Desamparados, roídos de angústia, [...] nada podem fazer [...] senão [...] marchar vagarosamente pelas ruas e erguer do fundo das trevas para a luz inútil seus rostos desfigurados pedindo, em silêncio, aos que ainda podem ver, que os vejam! (REMARQUE, 1978, p. 204).

O impacto deixado pela cena não apenas mostra o sofrimento em torno destas pessoas, mas também gera uma imagem extremamente negativa da Guerra ao descrever as marcas físicas deixadas pelo evento. Semelhantemente, ao clamar à população que veja estes inválidos, pode-se supor que Remarque novamente pretende “alarmar” a sociedade sobre o horror do evento bélico e dos seus efeitos. Ainda neste sentido, destaca-se que no texto a denúncia da Guerra como uma catástrofe é notória diante da dimensão do trauma por ela causado, portanto, narrar e denunciar o horror pode ter a pretensão de impedir que o fato aconteça novamente.

Ao analisar o texto observa-se que o romancista está ciente diante dos problemas e das marcas deixadas pela catástrofe, e isso também reforça o seu posicionamento pacifista diante de uma sociedade que cada vez mais vê a solução na guerra. Deste modo, mostrar os danos físicos e psicológicos, assim como, os problemas públicos e sociais enfrentados pela população e pelo Estado alemão nos anos entre guerras, fazem o escritor desenvolver a sua construção da memória da Guerra como um trauma, o qual insiste em persistir. Remarque deixa claro que o “preço pago” pela Guerra é muito alto, no entanto, em hipótese alguma pode-se ver nela a saída aceitável.

Em decorrência da Primeira Guerra, os anos posteriores não são descritos pelo romancista como anos de paz, mas pelo contrário, são tempos de grande agitação devido ao evento recém findado. Neste sentido, Remarque narra “uma guerra em decorrência da Guerra”, na qual luta-se contra a fome, a miséria, contra a invisibilidade das marcas deixadas pelo conflito. Nesta guerra muitas vezes luta-se contra si próprio, contra o “novo sujeito” que a

Guerra criou. Em tal batalha o sujeito tem a possibilidade de enfrentar ou esconde-se das memórias do trauma, podendo sucumbir, conviver, ou superar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que a presente monografia consiste em uma pesquisa sobre a memória do testemunho da Primeira Guerra Mundial e da Alemanha nos anos posteriores ao conflito, através da análise literária de Erich Maria Remarque. As narrativas expostas pelas marcas deixadas pela Guerra foram tidas como o pano de fundo que guiou a construção deste texto. Inicialmente formulou-se a hipótese de que, a obra de Remarque expressa a construção de uma memória traumática, tanto para ele, como para os demais combatentes.

Então, para o desenvolvimento do texto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em textos historiográficos, biográficos e literários. Em busca de maior compreensão sobre o tema, desenvolveu-se uma contextualização referente à Europa, abordando de forma específica, o caso da Alemanha entre guerras. Na sequência, buscou-se dissertar sobre a trajetória do romancista, apontando sempre para as semelhanças entre a sua história e sua narrativa literária. No entanto, o documento aqui analisado foi o romance histórico *O Caminho de Volta*, escrito e publicado durante o período entre guerras. A história presente no livro, ocorre durante os primeiros anos posteriores à Guerra; neste sentido, o texto possibilitou uma leitura referente às impressões do autor sobre a sua própria experiência, tanto no combate, como nos anos que o seguiram.

Tendo o romance histórico como fonte para o desenvolvimento da presente pesquisa, pode-se considerar *O Caminho de Volta* um documento fundamental na busca por uma resposta à questão aqui proposta. Através da obra, Remarque conseguiu mostrar os grandes desafios enfrentados na Alemanha entre as guerras mundiais, ainda em reflexo da Primeira Guerra. A partir desta análise, observa-se também a conturbada reinserção dos antigos soldados do *front* na vida civil, os quais, por estarem profundamente marcados pelas batalhas, não mais reencontraram o caminho de volta à vida de outrora.

Através da sua crítica negativa direcionada aos discursos de ódio e ao nacionalismo exacerbado, os quais apontavam para um bode expiatório que seria o responsável pela situação na qual a Alemanha se encontrava, é perceptível a sua oposição ao nazismo durante o seu período de ascensão. Deste modo, o romancista deixa às claras o seu posicionamento pacifista perante os discursos e os movimentos belicistas vinculados pela extrema-direita alemã. Pode-se considerar, que a participação de Erich na Guerra teve profunda influência na vida do escritor, o seu posicionamento político está diretamente relacionado com a sua experiência obtida nas trincheiras.

O pacifismo é uma característica fundamental das obras de Remarque, as quais, opõem-se à literatura pró-guerra, que defende uma ideia heroica do Conflito. Para o escritor, a Guerra é um evento de gigantesca irracionalidade, para ele, não há qualquer sentido em sacrificar a vida em defesa dos interesses de uma nação, deste modo, claramente o romancista também não se sentia atraído pelo “espírito nacionalista”. Neste sentido, *O Caminho de Volta* critica as manifestações e os discursos de heroísmo, enfatizando a catástrofe provocada pelo conflito bélico, a qual, na presente monografia tentou ser observada a partir do conceito freudiano de trauma.

Nesta literatura, não há qualquer saudação heroica, gloriosa, ou positiva aos protagonistas da Guerra, sendo eles vítimas ou sobreviventes, mas sim, é construída uma imagem do soldado, a qual opõe-se a qualquer discurso que promova esta imagem. Para o romancista, saudar este tipo de ato é alimentar o mesmo discurso que provocou a catástrofe. Deste modo, estes indivíduos são descritos como soldados maltrapilhos, marcados pela miséria, e pela violência do *front*; são também sujeito neuróticos, assustados, sobretudo, traumatizados com tal experiência.

O romance também registra as grandes rupturas provocadas pela Guerra, tanto no âmbito do Estado alemão marcado pela derrota, pelas imposições do Tratado de Versalhes, e pelas repentinas crises econômicas, quanto nas vidas dos ex-combatentes, que após sobreviverem das batalhas, viram-se “abandonados” neste país, o qual também não reconhecia os seus esforços prestados no *front*.

Através da literatura de Remarque observa-se o quanto a Primeira Guerra foi difícil para os soldados das linhas de frente. Mas não apenas isso, o escritor demonstra como os anos posteriores a ela não foram tranquilos, pois os reflexos deixados pelo evento impediram um retorno as vivências dos anos pré 1914.

No texto aqui analisado, percebe-se que a memória do Conflito é narrada como um trauma, que persiste presente durante os anos entre guerras, e constantemente perturba os antigos soldados. Com base nos textos de Freud, ligado diretamente com a experiência traumática encontra-se o ininterrupto reviver da cena causadora da “ferida psicológica”, fato que está claramente evidenciado em *O Caminho de Volta*.

Semelhantemente, a memória fixada no trauma, faz Erich ter pesadelos durante as noites com o que ele presenciou nas trincheiras, isso, mesmo depois de muitos anos passados. Entretanto, no âmbito da presente pesquisa, observou-se que este fato pode ser melhor analisado a partir do seu texto literário, pois, a partir deste, encontra-se uma descrição detalhada dos sentimentos em torno das memórias, pois seus personagens o representavam.

Neste sentido, também se observa que o ato de narrar estes fatos consiste num grande desafio, podendo ser enfrentado ou recalcado. Semelhantemente, nota-se também a dificuldade existente em encontrar as palavras “certas” para poder descrever as vivências, dando destaque ao tema, o romancista escreve sobre a impossibilidade de narrar o ou explicar o inexplicável.

Pode-se considerar, que o escritor faz uso da literatura para buscar a explicação, ou melhor entender a sua própria experiência nos campos de batalha, e também nos conturbados anos entre guerra, considerando que, narrar o trauma pode derrubar os obstáculos impostos pela experiência que permanece latente. Deste modo, o texto literário torna-se um objeto fundamental para acessar a história de Erich Maria Remarque, e das singularidades na Alemanha entre as guerras mundiais.

Com a presente pesquisa confirmou-se a questão proposta inicialmente. Pois, em *O Caminho de Volta* de fato há uma construção da memória da Guerra como um trauma, a qual tem como propósito desconstruir os discursos que estavam em ebulição na Alemanha entre guerras, e transmitir uma visão do Conflito bélico como um evento arrasador da existência humana, para que a catástrofe nunca mais se repita.

É indispensável considerarmos que para Remarque a Primeira Guerra é sinônimo de uma enorme catástrofe, a qual não resolveu qualquer problema para o Estado alemão, mas muito pelo contrário, deixou o país, os soldados, e os civis em condições ainda mais difíceis. Neste sentido, também pode-se compreender a narrativa dos problemas entre as guerras, como parte deste trauma, desta ferida que marcou não apenas os soldados do *front*, mas toda nação alemã, a qual sentiu na pele o choque da Guerra refletido nas grandes crises econômicas, na tremenda desvalorização da moeda, nas altas taxas desemprego, entre outros tantos problemas, reflexos do conflito bélico.

FONTES

REMARQUE, Erich Maria. **O caminho de volta**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete et al (Org.). **Espanha: Política e cultura**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/espanha.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: anti-semitismo imperialismo totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARMANI, Carlos Henrique. O front como experiência da temporalidade: crise da civilização, falência representacional e alteridade. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 87-101, nov. 2006. Disponível em: http://novo.more.ufsc.br/artigo_revista/inserir_artigo_revista. Acesso em: 10 set. 2020.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 - 1989): A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CARON, Giuseppe Rafael. Fascismo Movimento e Fascismo Governo: Um debate sobre os estudos de Renzo de Felice e Emilio Gentile. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: Anpuh, 2015. p. 1 - 2. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434368066_ARQUIVO_Fascismo-Movimento-e-Fascismo-Governo-artigo.-1-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CASTRO, Nilo André Piana de. A ascensão do nazismo e a construção do III Reich. In:

DAYAN-HERZBRUN, Sonia. Thomas Mann: um escritor contra o nazismo. **Trans/formação**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 71-86, __. 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731997000100005. Acesso em: 10 jun. 2020.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&pm, 2018. p. 7-19.

FERRAZ, João Grinspum. O Expressionismo, a Alemanha e a 'Arte Degenerada'. **CADUS - Revista de Estudos de Política, História e Cultura**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 51-58, jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/polithicult/article/view/23725/17007>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 61-91.

FLACH, Ângela et al (Org.). **Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre: Folha da História, 2000. p. 59-82.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Porto Alegre: L&pm, 2018.

_____. Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GILBERT, Julie. **Opostos que se atraem**: as vidas de Erich Maria Remarque e Paulette Goddard. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Fatos que realmente aconteceram?: Considerações sobre história e literatura. In: SILVA, Helder Gordim da; ABREU, Luciano Aronne de; MANSAN, Jaime Valim (Org.). **História e ideologia**: perspectivas e debates. Passo Fundo: UPF Editora, 2009. p. 369-384.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JAECKEL, Volker. O impacto da Primeira Guerra Mundial sobre a Europa e a literatura de guerra. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n.17, p. 11-22, nov. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/25168/14523>. Acesso em: 27 ago. 2020.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LENHARO, Alcir. **Nazismo**: o triunfo da vontade. 6. ed. São Paulo: Editora ática, 2002.

LOUREIRO, Isabel. **A revolução alemã**: 1918 - 1923. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. A Primeira Guerra Mundial. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org). **O século XX o tempo das certezas**: Da formação do capitalismo à Grande Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 17-40.

RAMPINELLI, Waldir José. Salazar: uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, p.119-132, jun. 2014. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol.32/waldir_jose_rampinelli.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar**: 1919-1933. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

RÜDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. USP, [S.L.: s.n.], p. 131-150. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4848464/mod_resource/content/2/Rudiger_EscolaFrankfurt.pdf>. Acesso em: 28/05/2020.

SÁBER, Tales Ab' (comp.). Freud e o ensaio: além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&pm, 2018. p. 21-40.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Narrar o Trauma: A questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, fev. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>. Acesso em: 04 set. 2020.

_____. Literatura e trauma. **Pro-posição**, São Paulo, v. 13, n. 3, p.135-153, set. 2002. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

_____. (org.). Walter Benjamin: Errância e sobrevivência numa era de catástrofes: In: BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica**. Porto Alegre: L&pm, 2017. p. 07-22.

SILVA, Leandro Assunção da. **História, Filosofia e espaços: a ideia de ocidente em oswald spengler**. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/publicacoes/spengler.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

SOUSA, Edson (comp.). Psicologia das massas: uma reflexão em contrafluxo. In: FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&pm, 2017. p. 21-31.